

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Cesar Dias de Oliveira

“QUAL CUIDADO DEMANDA O CRUSP?”: UMA
CARTOGRAFIA CLÍNICA VIA NARRATIVA

SÃO PAULO
2019

CESAR DIAS DE OLIVEIRA

“QUAL CUIDADO DEMANDA O CRUSP?”: UMA
CARTOGRAFIA CLÍNICA VIA NARRATIVA

(Versão original)

Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo
como parte dos requisitos para a obtenção
do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Escolar
e do Desenvolvimento Humano.

Orientadora: Profa. Dra. Henriette
Tognetti Penha Morato.

SÃO PAULO
2019

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Dias de Oliveira, Cesar

"Qual Cuidado Demanda o CRUSP?": Uma Cartografia Clínica Via Narrativa / Cesar Dias de Oliveira; orientadora Henriette Tognetti Penha Morato. -- São Paulo, 2019.

66 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2019.

1. Moradia Estudantil. 2. Ação Afirmativa. 3. Fenomenologia existencial. 4. Narrativa. I. Tognetti Penha Morato, Henriette, orient. II. Título.

Nome: OLIVEIRA, Cesar Dias

“Qual cuidado demanda o CRUSP?”: uma cartografia clínica via narrativa

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovação em: __ / __ / ____.

Banca examinadora:

Prof. Dra. Henriette Tognetti Penha Morato

Instituição: IP-USP

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Aos meus ancestrais

AGRADECIMENTOS

Ao meu irmão, Fê, pela parceria sem fim.

À minha mãe e ao meu pai por me ensinarem os primeiros passos. Obrigado

À nós quatro contra o mundo, que essa união se mantenha.

À minha avó Eva pelo sangue forte e pelo carinho certo.

Ao meu avô pelo cuidado em outras esferas.

Aos meus amigos que me ajudaram a viver. Que celebremos sempre.

À Paula por tudo isso que carinhosamente chamamos de amor; por esse mundo que abrimos juntos.

À Sônia pelo caminho e caminhar. Obrigado pela angústia essencial.

À Henriette, amiga, orientadora e deformadora. Obrigado por todos ensinamentos.

À Yvette, amiga e que por muitas vezes, muitas vezes mesmo, fez com que eu me recordasse da minha insignificância e a ela me recolhesse.

“Uma Gaiola saiu à procura de um pássaro”

(Franz Kafka)

RESUMO

OLIVEIRA, C. D. “Qual Cuidado Demanda o CRUSP?”: Uma Cartografia Clínica Via Narrativa. 2019 66f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019

O objetivo desta pesquisa é discutir como acontece o habitar no Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo. Tendo como ponto de partida a fenomenologia existencial, pesquisador lança-se ao encontro dos moradores do conjunto residencial. O lançar-se foi norteado pela cartografia clínica, prática que possibilitou compreensão e cuidado simultaneamente: conforme os descompassos da existência dos habitantes da moradia se desvelaram, foram cuidados. A partir de registros de diários de bordo dos participantes do grupo, procurou-se narrar estes três anos de pesquisa nos quais semanalmente ocorreram idas ao conjunto residencial. Descobriu-se uma espécie de multiverso do conjunto: à primeira vista são pessoas diferentes com pedidos por cuidados diferentes vista que depois mostraram-se com a possibilidade de um universo em comum. Nossos recorrentes silenciamentos frente aos moradores, os quais apareceram imersos em um mundo onde a ética da precariedade e a vida nua se desvela através das conversas com o grupo em cartografia clínica. Assim, pensa-se num habitar que acontece em meio a dificuldades ônticas e ontológicas.

Palavras-chave: 1.Moradia Estudantil; 2.Ação Afirmativa; 3.Fenomenologia Existencial; 4. Narrativa

ABSTRACT

OLIVEIRA, C. D. **“What care does the CRUSP Demand?”**: A Clinical Cartography Via Narrative. 2019 66f. Dissertation (Masters) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

The aim of this research is to discuss how does the inhabitation happens in the Residential Complex of University of São Paulo. Have the existential of phenomenology as a starting point, the researcher goes to meet the residents of the residential complex. The launching was guided by clinical cartography, a practice that allowed comprehension and care simultaneously: as the discomforts of the existence of the inhabitants unveiled, they were taken care of. Starting from the records of logbooks of the participants of the group, it was intended to narrate this three years of research in which there were weekly visits to the residential complex. It was unveiled a sort of multiverse of the complex: at first sight they are different people with different requests of different care and who later showed up with a possibility of a common universe. Our recurrent silencing on the visits to the residents, who have appeared immerse in a world where the ethics of precariousness bare life are revealed through conversations with the group in clinical cartography. Thus, it is thought of an inhabitation that happens in between ontic and ontological difficulties.

Key-words: 1. Dormitoires; 2. Affirmative Action; 3. Existential Phenomenology; 4. Narrative

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	11
2. INDAGANDO PELO CAMINHO A SER PERCORRIDO	14
2.1 – Chão Batido.....	14
2.2 – Cartografia Clínica.....	15
2.3 – Sobre o Registro.....	16
4. – Do comunicar.....	18
3. AS CASAS E A MORADIA ESTUDANTIL: QUESTÃO BÚSSOLA.....	20
4. OBJETIVOS POSSÍVEIS? COMO... OU POR ONDE?.....	26
5. AS ANDANÇAS.....	28
5.1 - O começo.....	28
5.2 – A Repetição ou Mais do Mesmo.....	33
5.3 - Novos Modos de Encontros.....	39
5.3.1 - Intervenção com Crafts.....	40
5.3.2 - Da Demanda das Mães ao Atendimento Domiciliar.....	42
6. HISTÓRIA, REFLEXÕES E INTERPRETAÇÕES.....	48
6.1 - Contradições, Dificuldades e Buracos... A Moradia Enquanto Direito Humano.....	52
6.2 – Para Além dos Anos de Graduação.....	55
6.3 – Sobre a Angústia do Cuidar.....	56
6.4 – O Tropeçar para uma... Conclusão?.....	59
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	66

1. APRESENTAÇÃO

Curioso em relação ao mundo, trago recordações de uma infância cheia de descobertas. Um observador participante desde sempre, pelo menos na minha imaginação, onde eu passava horas do meu dia me perdendo entre mundos fantasiosos que contavam o que eu vivia em várias versões. Lembro-me que uma das minhas fantasias recorrentes era que os meus pais e meu irmão não eram humanos, como eu, mas que se vestiam de humanos só para eu me sentir bem. Localizo aqui a primeira fagulha do caminho da curiosidade que me convocou ao lançar-me nesta pesquisa.

Uma dúvida entre fazer parte e não fazer parte me acompanhou desde a muito jovem. Com o passar dos anos esse sentimento foi se refinando e no colegial, após me formar técnico em química ainda antes de prestar vestibular havia decidido que não seria engenheiro. Cursei o ensino médio em uma escola técnica e pública próximo ao bairro da Luz, no centro de São Paulo. O bairro da escola e o caminho para o metrô era habitado por muitos moradores de rua e eu a cada vez mais não compreendia como apesar de haver tantas tecnologias incríveis no mundo, não criávamos uma tecnologia que fosse capaz de acabar com a desigualdade social.

E desde então minhas inquietações só cresceram...

Ingresso na Universidade de São Paulo no curso de Psicologia no ano de 2011. Uma conquista que se apresentava para mim como um misto de felicidade e vergonha. Após ser aprovado no vestibular, meus pais fizeram uma festa e chamaram toda a minha família. A vergonha estava em comemorar um feito daqueles: eu era o segundo dentre todos os meus parentes a cursar uma universidade pública, sendo que o outro era o meu

irmão mais velho. Eu achava tudo aquilo injusto, ao mesmo tempo que ficava feliz por ter sido aprovado, sentia certa culpa.

Ainda na graduação encontrei no LEFE¹ um lugar curioso onde eu tive as minhas melhores aulas, mas também o lugar a partir do qual brotaram as minhas maiores angústias. Alguns dias em que eu ficava angustiado demais, fugia do estágio para jogar futebol. Foram momentos difíceis, o estudo e o futebol sempre competiram pelo meu interesse. E apesar das angústias, eu continuava no laboratório. Eu sentia que após as aulas, estágios e supervisões eu saía em angustiado, mas tudo fazia sentido. Comecei a ter o LEFE como um lugar onde eu me reconhecia.

Foi a partir do LEFE que ingressei como estagiário de psicologia na Superintendência de Assistência Social (SAS-USP) lugar onde conheci os casos do O Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo (CRUSP).

O CRUSP é uma moradia estudantil, destinada a alunos de nível socioeconômico baixo. Tal faixa engloba pessoas que sem o Programa de Apoio à Permanência e Formação Estudantil (PAPFE) teriam dificuldades para conseguir ou não conseguiriam o diploma da graduação. A vaga no CRUSP é um dos auxílios possíveis para aqueles selecionados pelo programa.

A presente dissertação tematiza meus encontros com essa moradia estudantil a partir das possibilidades e impossibilidade que a mim se apresentaram O relato de experiência será conduzido por indagações, aberturas e impossibilidades minhas enquanto narrador em primeira pessoa, afim de comunicar as escolhas pelos caminhos percorridos.

¹ Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia

O intuito é apontar como a cartografia clínica² dá lugar para a ação clínica³, sendo esta a disponibilidade dos plantonistas dentro da instituição. Uma vez sendo abertura e atenção, a existência convoca por alguma compreensão dos pedidos feitos pelo e ao CRUSP. A busca pela compreensão lança o pesquisador ao cuidado na instituição, a fim de desvelar o que o conjunto residencial precisa.

² Sobre o que se compreende por cartografia clínica será apresentado mais adiante.

² Configura-se como um modo clínico de estar junto ao sofredor (Morato, 2006 p. 7); ou ainda, modo de se dispor indicando humor ou ação (Morato, 2017 p. 26), também apresentado mais adiante.

2. INDAGANDO PELO CAMINHO A SER PERCORRIDO

2.1 – Chão Batido

Foi com dificuldade e certa demora que iniciei a compreensão que o chão desta pesquisa precisaria ser por mim e em mim batido, assentado. As bases desta inóspita casa com a qual tive momentos onde habitei e momentos onde me iludi habitando um chão seguro, partem da fenomenologia existencial ao modo de Heidegger. Falar das coisas mesmas assim como elas se mostram é o pressuposto e uma possibilidade de discussão sobre o ser do homem morador do conjunto residencial da USP.

A “batido” referencio uma gíria paulista que possui o sentido de algo “popular, repetido, sem-graça, sem novidade” ... uma provocação, uma pro-vocação de compreensão acerca da importância de eu próprio dizer da metodologia desta pesquisa. O questionamento acerca da necessidade de dizer a partir de qual lugar eu pesquiso desvelou a dificuldade de habitar uma pesquisa que não se pretende replicável, comprovável e cumulativa. Deu a ver a dificuldade de aceitação da insegurança do existir que caminha lado a lado com a curiosidade a respeito do humano. Ao mesmo tempo que sou abertura disponível também tenho medo desta abertura.

A pesquisa em fenomenologia questiona o modo tradicional do ocidente de conhecer a verdade bem como a sua via de acesso. Critelli (1996, p.15) diz que para “a metafísica, o conhecimento é resultado de uma superação da insegurança do existir. Para a fenomenologia, é exatamente a aceitação dessa insegurança que permite o conhecimento”. Para acessar o *como* deste habitar abri a questão e dialoguei com o que se mostrava e interrogar o próprio ser que habita.

Diferente da metafísica que compreende “verdade” enquanto *orthotes*, apontando para o sentido de exatidão, a fenomenologia recupera o sentido de verdade enquanto *aletheia*, que aponta para compreendê-la enquanto desvelamento.

Assim, para o pensar metafísico, toda possibilidade de um conhecimento válido e fidedigno é garantida pela construção de conhecimentos logicamente paramentados e de uma privação da intimidade entre os homens e seu mundo, isto é, entre os homens e a experiência que têm de seu mundo. (CRITELLI, 1996, p. 14).

Nesta pesquisa em fenomenologia não pretendo controlar nenhuma variável e promover algum tipo de privação da intimidade humana. Pelo contrário, reflito sobre como consigo me aproximar do fenômeno e permitir que ele se aproxime de mim dando a ver a verdade (desvelamento) sobre esse encontro, sobre esse mundo.

Compreendendo investigação enquanto um querer saber que se lança interrogante em direção àquilo que o afeta, que provoca sua atenção e interesse (CRITELLI, 1996), trilho a construção de um caminhar que se direcione ao provocante. Interrogar é perguntar “o que é” e “como é” algo, é perguntar ao fenômeno o que quero saber dele mesmo (SAMPAIO, 2018). Mas como me deparo com/aproximo do fenômeno investigado?

2.2 - Cartografia e Ação Clínica

Compreendo a necessidade de uma escolha metodológica⁴ que vá em direção à possibilidade de ser abertura disponível, permitindo que os (des)encontros com a moradia estudantil da USP aconteçam sem a pretensão de privar a intimidade entre homens e seu mundo: espaços para me deparar com o inesperado e incontrolável. Assim me surge a possibilidade de cartografar o CRUSP.

Diferente do mapa, que contorna territórios já estabelecidos, a cartografia atravessa o tempo, nasce dos movimentos geográficos da

⁴ Recupero o sentido grego da palavra, *Métodos* pode ser compreendido como *Meta+hodos*, que carrega o sentido de “caminho para”. Metodologia por sua vez, “*Meta+hodos+logos* pode ser compreendido em seu sentido original como deixar e fazer ver o caminho para...” (MILANESI, 2017, p. 28).

terra, acompanha e se faz nas transformações da paisagem, criando história [...] “tem a pele marcada por todos os encontros que faz em seu nomadismo” (ROLNIK, 1989, p. 10).

Ainda sobre o cartógrafo, “este vive buscando alimentos para compor cartografias, descobrir afetos e criar linguagem e sentido em redes de expressões mescladas, que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretende entender” (MORATO, 2007, p. 14). O cartógrafo, enquanto aquele que marca o território, o caminho por onde passa, também é marcado (modificado) por este caminhar. À cartografia engendrada por psicólogos soma-se a possibilidade de um encontro clínico.

Retomando a etimologia de clinicar, *Kliné* encontro o sentido de inclinar em direção ao leito. Atento a sua ação, o psicólogo, ao interrogar colocando o corpo em direção ao encontro com outros corpos que pretende entender, ao mesmo tempo que procura por sentido, pro-cura em direção ao sentido. Por pro-cura, compreendo mover em direção ao cuidado, ou seja, cuidar daquele que se dispõe a cuidar de si.

A cartografia clínica une a ação cartográfica com atenção clínica numa espécie de procedimento de pesquisa e cuidado para uma instituição. Ou seja, pesquisa e intervenção, compreensão e cuidado mostram-se como pares indissociáveis. Assim, via cartografia clínica é que fui me embrenhando pelo território CRUSP. Melhor dizendo, via cartografia clínica é que fomos nos embrenhando pelo território CRUSP. Fomos, pois a pesquisa e cuidado se deu acompanhado por estudantes de graduação da USP e também de outra universidade.

2.3 - Sobre o Registro

Olhar para as marcar no corpo do cartógrafo diz tanto daquele que foi marcado como daquilo que o marcou. Em se tratando de um corpo em ação, essas marcas não são compreendidas apenas como podendo ser vistas no corpo material do cartógrafo. As

marcas aqui inferem uma linguagem mais poética; elas podem se dar em qualquer campo do cartógrafo. O corpo é compreendido aqui enquanto modo como o pesquisador se encontra, podendo indicar a atmosfera na qual foi possível este e não aquele encontro acontecer. Nessa direção, sou convocado a pensar num tipo de registro que possibilite ao grupo pintar o relevo, os acidentes, os encontros com aquela instituição, da maneira como o relevo se pintou neles, como apontado por Merleau-Ponty (1977) em fala de Cézanne.

O diário de bordo como registro de experiência possibilita ir além do relato tomado no sentido cotidiano de “relatar o que aconteceu”, como se houvesse um jeito certo e mais exato de reprodução de algo. Entretanto, uma vez posta em xeque a verdade enquanto exatidão, não se faz mais necessária tal preocupação de manter concordância entre enunciado e coisas (MILANESE, 2017, p.28). Assim, os cuidados e o rigor a serem tomados pelos escritores de diários de bordo devem-se deter em relação ao ser falso,

[...] o ser falso, remetendo ao enganar, é tirar o ente do encobrimento como algo que ele não é. Heidegger sustenta que, no sentido original de fundamento, a verdade não reside no juízo de quem fala, mas no aparecer dos entes aos homens para quem eles se mostram e falam, para quem pode-se apreendê-los de um modo ou de outro (isto é, em suas possibilidades singulares em cada situação). Assim, uma fala autêntica ou verdadeira está relacionada à apreensão do que se mostra em cada acontecimento e sua comunicação com um *deixar* (o que se mostra) e *fazer ver* (ação) algo *como* algo. (MILANESI, 2017, p. 28).

Nesse sentido, faz-se pertinente o contar a experiência através dos diários de bordo. Ainda assim, existe uma outra dimensão de análise, para além de cada diário dos estagiários de graduação que passaram pelo projeto de cartografia do CRUSP. Falo aqui sobre a dimensão do contar a história (estória!) a partir da minha experiência singular com o projeto; posso historiar por ter participado da maior parte das supervisões e tendo sido o supervisor da maioria delas, e não apenas por ter lido todos os diários feitos.

O partilhar em grupo das marcas percebidas durante o caminhar no CRUSP, tecendo narrativas, abre a possibilidade de intercambiar e viver enquanto experiência a

cartografia realizada. Gadamer (1999) discute o sentido de experiência em Hegel e, chega a mim, a possibilidade da pesquisa enquanto um narrar o vivido.

Hegel diz:” O movimento dialético que a consciência realiza consigo mesma, tanto em seu saber como em seu objeto, *na medida em que para ela o novo objeto verdadeiro surge daí*, é na realidade o que chamamos *experiência*”. (GADAMER, 1999, p.523)

Trabalhar com grupo de supervisão no qual discuto as experiências com as quais nos deparamos ao longo da semana de cartografia clínica, não apenas dá a ver as marcas deixadas nos cartógrafos, mas como também promove uma segunda marca e compreensão de sentido do encontro. Pode dar a ver o desencontro de si, irrompendo daí a rede de preconceitos a qual cada um e todos estamos aprisionados e livres.

Por movimento dialético compreendo um movimento onde nem a tese nem a antítese irão sobrepor-se uma a outra, ou seja, não há e nem haverá um argumento mais verdadeiro (*orthotes*). O que ocorre na ideia de dialética é que tanto a tese quanto a antítese se modificam ao entrarem em contato entre si. Após esse encontro a tese já não é mais a mesma, bem como a antítese também não se mantém igual. Para Heidegger e Gadamer (1999), como apresentado por este último, “Hegel não interpreta a experiência dialeticamente, mas sim pensa o dialético a partir da essência da experiência” (p.523).

2.4 - Do Comunicar

A transmissão da experiência será feita por narrativa em primeira pessoa, como posto por Walter Benjamim (1987): “A narrativa [...] é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação” (p.205). A intenção é narrar a experiência como proposta por Gadamer, pela qual sua dialética não tem sua consumação em um saber concludente, mas sim na abertura à experiência que é posta em trânsito pela própria experiência. A narrativa, assim, é um tecer artesão que possibilita contar como as

experiências possibilitaram ou não o desabrochar de novas trilhas. Ao mesmo tempo, possibilitam a comunicação mantendo a tensão do inconclusivo.

Por outro lado, abrir-se à experiência para poder narrá-la, implica deixar-se afetar por uma inquietação. Como dizem Cabral e Morato (2013, p. 159-160),

O fato de uma questão qualquer se apresentar, apropriando-se do pesquisador, justifica *per se* o movimento de buscar compreensões acerca dela. As questões trazem a possibilidade de por em ação o ser, na direção da procura de sentido e da sensação de conforto que, ilusoriamente, pensamos poder encontrar a partir de uma resposta suficientemente convincente.

Sendo pesquisar uma das infinitas maneiras de exercitar a possibilidade criativa do humano, faz-se pertinente que qualquer pesquisa se origina a partir de uma questão, uma vez que indagar e indagar-se são próprias do humano, produtor de sentido que é como ser comunicacional, como discutido por essas autoras. Assim,

(...) as inquietações experimentadas pelo pesquisador referem-se a algum ponto de sua existência, refletindo um não saber(-se) por inteiro: a pessoa se mobiliza por questões que a colocam diante da impossibilidade (ainda que momentânea) de compreender algo que lhe diz respeito ou implica de alguma forma. Dito de outro modo, acontecimentos ou fenômenos que se apresentam ao humano demandam um posicionamento ou um situar-se em relação ao que se mostra, revelando-se sua condição relacional consigo e com o que o envolve. (CABRAL E MORATO, 2013, p. 160).

Nessa perspectiva, reconhecer a questão movente se apresenta fundante para nortear o trabalho de pesquisa: a questão como a bússola da pesquisa, indicando caminhos possíveis para levar a investigação adiante. Mais ainda tal trabalho revela-se necessariamente autoral pois é

tecido a partir da experiência do pesquisador, desdobrando-se no contexto existencial, marcado pela condição de ser-no-mundo-com-outros. (...). Todo o trabalho de pesquisa – desde o polimento da questão, definição de objetivos, pesquisa bibliográfica, elaboração do método, trabalho de campo, produção de compreensões a partir da matéria-prima colhida até a escrita final do que vai sendo desvelado – é uma experiência, em seu sentido mais genuíno. Implica, portanto, experimentação de cada etapa e elaboração dos efeitos das afetações ao longo do processo, em um pensar-sentir contínuo, considerando o que surge e, sobretudo, como surge no processo de pesquisa. Destacamos que esse é um modo possível de compreender e realizar pesquisa de caráter fenomenológico. (CABRAL E MORATO, 2013, p. 161).

3. AS CASAS E A MORADIA ESTUDANTIL: QUESTÃO BÚSSOLA

As casas de maneira geral, principalmente as dos meus vizinhos, apareciam enquanto enigma para mim. Passava horas, quando criança, imaginando como estariam dispostos os móveis daquelas casas das quais eu só conseguia observar a garagem. Ainda quando convidado para adentrar à sala, esta não me bastava. O interesse estava em saber como aquela casa estava organizada. Hoje, a sensação marcante que surge com essa memória é o sentimento de estranheza com aqueles sobrados geminados que, apesar de bastante semelhantes à minha casa, apresentavam-se para mim como esquisitos.

A sensação de algo estranho aparece para mim mais uma vez quando entro em contato com o CRUSP, mais especificamente em contato com experiência narrada pelos que nele residem. Assim como quando pequeno, que o esquisito surgia por conta da diferença entre o que eu esperava e o que acontecia. Hoje, a quebra de expectativa novamente me toma.

Ao longo da minha graduação, imaginei o CRUSP como um ideal de morada: dentro da universidade, com várias bibliotecas disponíveis nas redondezas, com um clube esportivo próximo e bastante festa. Esse ideal se abria para mim como algo que tirasse o incômodo das “longas” viagens para minha casa. As viagens, que variavam entre uma hora e meia e duas horas para a universidade, eram cansativas. Morar na minha casa, com meus pais, perdia o sentido se fosse apenas para servir de dormitório. Morar parecia implicar outro sentido...

O que eu não compreendia até então era que o simples fato de poder escolher entre me inscrever ou não no PAPFE, já minava a possibilidade de conseguir uma vaga no conjunto. O número de pessoas pleiteando uma vaga na moradia é maior do que as vagas

oferecidas. Geralmente, aqueles que conseguem são as pessoas que demonstram (comprovam) maior necessidade, ou seja, pessoas que sem a moradia não poderiam concluir o curso. Essa limitação não existia para mim: eu não era "pobre o suficiente" para a moradia. Não necessitava⁵ dela, eu já habitava um lugar.

Tempos depois, por um período de um ano, fui estagiário de psicologia na SAS-USP (Superintendência de Assistência Social da Universidade de São Paulo), durante o qual entrei em contato com as assistentes sociais responsáveis pelo CRUSP e conheci o modo que compreendiam e atuavam em seu trabalho. Era uma equipe de dez pessoas responsáveis por toda a seleção⁶ da população que se inscreve para concorrer ao PAPFE. Segundo elas, e pelo que também eu percebia, devido à sobrecarga do trabalho, “faziam o que era possível para que nada de muito pior⁷ acontecesse”. A maioria dos contatos que tinham com os alunos bolsistas era ou porque os alunos pediam auxílio referente a algum problema pessoal ou por convocação delas, o que acontece quando os convocam por precisarem resolver alguma pendência, como advertência ou questão documental. Assim, foi a partir do contato com essa equipe em tal estágio que passei a encontrar outra faceta da moradia estudantil, dando a ver um fenômeno que me instigou, ou seja, de haver diversos problemas⁸ no CRUSP, um lugar que tinha para mim como um ideal de morada.

Essa instigação não evidenciava as minhas intenções junto aos moradores do conjunto, mas captava toda preocupação frente aqueles alunos-moradores. Nesse

⁵ Inglês Medieval *ned, nede*, do Inglês Antigo *nēd, nēd, nēad, nēod*: angústia, necessidade; aproximado do Alemão Antigo *nōt*. Significado Básico: estar exaurido. Desse modo, necessário, em sua raiz etimológica, pode ser compreendido no sentido de **clamar por habitar**.

⁶ Há uma seleção socioeconômica seguida de uma classificação daqueles que pediram os auxílios. A classificação coloca em primeiro a pessoa que possui o menor nível socioeconômico e por aí em diante. A seleção é longa, possui muitos inscritos. É comum que as assistentes sociais trabalhem mais que suas seis horas diárias no período de seleção.

⁷ “Pior” este que ninguém descrevia. Era dito deste mesmo modo: transmitia a impressão de obriedade.

⁸ No decorrer do período em que fui estagiário da SAS, tive contato com tais problemas e exemplifico que estes, apesar de variados, recebem o nome de “problema” por causarem um incômodo em comum, principalmente para a SAS: dificultam o progresso escolar dos alunos. Os problemas são: convivência com colegas de apartamento, questões de saúde mental, uso problemático de álcool e outras drogas e agressões de diversos tipos.

primeiro momento, fiquei marcado pela pretensão de “consertar” o CRUSP, bem como todas as moradias estudantis no Brasil. Angustiava-me observar uma moradia que não dava certo, ao menos não para o que eu considerava necessário ser disponibilizado aos moradores. Estava determinado a encontrar a “falha” na moradia, encontrar aquilo que causava os transtornos sociais daquela comunidade, bem como os sofrimentos narrados pelos atores sociais daquela instituição. Curioso como ao dizer que a moradia não “dava certo” e que havia uma insuficiência no que era oferecido aos moradores e que eu pretendia encontrar a falha, se revela mais uma vez uma angústia minha de uma moradia que não assegura o morador.

Conviver com o cotidiano cruspiano e dos bolsistas PAPFE, convocou em mim o pensar acerca da minha própria trajetória de moradas, o pensar sobre o que ali tanto me convocava. Estive e ainda sigo bastante curioso para compreender a questão do habitar humano. Retomo a sensação advinda junto ao cansaço das longas viagens que fazia de ida e volta à minha casa. Aquele incômodo de voltar para casa apenas para dormir não fazia sentido para mim, tanto quanto não fazia sentido as recorrentes narrativas com as quais me deparava no CRUSP acerca da população que se relacionava com a moradia apenas enquanto dormitório. Ficava em mim o medo da ausência total de um suporte que eu percebia ter na minha casa, onde éramos “nós quatro contra o mundo”⁹.

Recupero períodos e impressões em mim tatuadas ao longo da minha própria biografia que até aqui dizem sobre a minha abertura e questão com relação ao habitar enquanto viver embaixo de um teto e entre paredes. Mas ainda não discuto o sentido dessa pesquisa não se tratar de qualquer teto e quaisquer paredes, mas sim, do teto e paredes do Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo.

⁹ Minha mãe, meu pai, meu irmão (dois anos e meio mais velho) e eu.

A sensação de que a minha casa era um forte e que nada seria capaz de destruí-la era o que me sustentava. Filhos de pais que ascenderam de classe social pela via do trabalho assalariado e mais tarde se arriscando enquanto empresário, meu irmão e eu fomos uns dos únicos da família¹⁰ a estudar em escola particular. Fazíamos parte dos poucos negros da escola e mais tarde, quando obtive bolsa de estudos numa escola mais elitizada que a de bairro na qual estudávamos, eu era o único negro da minha sala e um dentre os dois da escola. Vivi por mais tempo que gostaria uma tensão sem compreender o sentido dela. Não posso dizer ter sido alvo de agressões diretas por conta da minha cor de pele. Mas a minha sensibilidade nunca me permitiu não sentir as agressões veladas. Todo lugar fora de casa era como um campo de batalha, andava atento e tentava não incomodar os demais: era conhecido por ser bonzinho, um ótimo filho e isso me apaziguava. Era como se garantisse o meu direito de voltar para minha casa e poder ficar mais tranquilo.

Na graduação comecei a notar que eu era diferente dos meus colegas, que as minhas atitudes eram diferentes das dos meus colegas. Eu estava preso às gentilezas e às coisas que na minha concepção traziam um maior bem-estar aos outros. Gestos muito simbólicos de me abster do que eu quero para atender ao que supunha esperarem de mim. Comecei a achar a Universidade de São Paulo um lugar de pessoas mal-educadas e egoístas que nem se importavam com essas gentilezas tão caras a mim. Passei cada vez mais a sentir que não compreendia os códigos daquele lugar, sentir que não pertencia aquele lugar.

Mesmo quando eu retornava para minha casa e tentava conversar sobre esse sentimento, eu não conseguia achar algum interlocutor. O incômodo de eu me sentir diferente fora da minha casa também se dava dentro dela. Eu aparentava ser o único a me

¹⁰ Contando para além do meu núcleo familiar, ou seja, dentre primos, tios, etc...

sentir assim, por vezes diferente, por vezes olhado e tratado de maneiras que pareciam se dar apenas comigo. Parecia tudo loucura da minha cabeça, exagero da minha parte. Não conseguia traduzir o meu estranhamento acerca de um grande esforço que fazia para ser tomado enquanto bonzinho, para me sentir aceito. Parecia que eu já não fazia parte da minha casa e do meu grupo de amigos do bairro, do futebol..., mas também não fazia parte da Universidade. Era estrangeiro lá e cá.

Em 2015 com tudo isso se passando pela minha cabeça, voltava do meu estágio por volta das 18h. Passando por um bairro nobre próximo a USP avistei um carro desses caros, com uma família dentro dele. A rua não estava muito iluminada e aquela família dentro do carro e eu éramos as únicas pessoas ali. A família distraída parou em frente a uma das casas e um homem desceu do carro para abrir o portão. Preocupo-me com a família distraída, com a rua escura, com o fato de não terem me avistado e eu caminhar em direção a eles. A preocupação vira medo e antes de me dar conta estou atravessando a rua com um sorriso no rosto, sendo acompanhado pelos olhos temerosos daquele casal que se mostra aliviado pelo meu gesto de paz. Eu, entretanto, dobro a esquina sento no ponto de ônibus, e choro como poucas vezes havia chorado até então. Mais uma vez sorri querendo chorar, desviei meu caminho querendo apenas seguir. Por mais uma vez eu não pude estar distraído. Havia me matado para não matar, havia me matado com medo de ser morto.

Encarar essas situações era um tanto mais brando tendo um forte para onde voltar, ainda que não conseguisse partilhar dessas sensações com a minha família, voltava para onde eu não me obrigava a sorrir, nem a atravessar a rua. Voltava para onde eu tinha familiaridades e conseguia me re-conhecer. A minha casa não servia apenas como algo que me abriga concretamente “da chuva”. Resistir a uma vida tentando pertencer, sentindo diferente só me era possível de sustentar por saber que eu tinha onde me recolher.

A vida no CRUSP, entretanto recorrentemente era narrada como uma vida solitária, tanto pelos alunos como pelos funcionários. Se estabelecia ali uma relação pela necessidade que muito me angustiava e eu não parecia ser o único com essa angústia. Ter uma casa, não significava ter um lar. Aquela população com baixo nível socioeconômico, pobres, viviam uma espécie de exclusão travestida de inclusão. O CRUSP parecia o morro da USP para mim. Atender os cruspianos e ouvir seus relatos de solidão e dificuldade com os códigos da Universidade de São Paulo ressoava em mim. Eu também estava num não-lugar ali dentro.

O que me intrigava era como se dava a ação de morar no CRUSP para essa população com a qual eu me identifico? A “falha” e a pretensão de que havia algo a ser consertado na moradia estudantil, nitidamente aponta para algo do meu próprio horizonte histórico que permite que esse incômodo chegue até mim.

O processo de escrita dessa dissertação levou tempo, um tempo que eu não sabia que levaria, tempo que necessitei também para conseguir compreender que convocação era essa que, apesar de toda angústia presente na ideia de apresentar uma dissertação para uma banca e defendê-la afim de obter o título de mestre eu continuava em movimento, querendo concluir esse processo. Por vezes senti-me apartado do processo, à margem de mim. Mas quanto mais caminhava e me perdia com esta pesquisa, mais se fazia presente em mim a impossibilidade de parar. Perseguindo nessa direção, acredito ter me deparado com a questão bússola que me move. Ela se dá a ver a mim em meio a toda essa angústia que em mim ressoa ao entrar em contato com o relato dos moradores do CRUSP. Deste modo, posso enunciá-la: *Como acontece o habitar no Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo?*

4. OBJETIVOS POSSÍVEIS? COMO... OU POR ONDE?

Questiono se a presente pesquisa pretende discorrer sobre a questão do habitar, sob uma perspectiva específica, de um campo específico de uma moradia estudantil de São Paulo, Brasil. Se assim fosse, posso dizer que os objetivos possíveis desta pesquisa seriam: 1) refletir sobre como acontece o habitar no CRUSP; 2) refletir como o psicólogo poderia intervir nessa instituição de moradia estudantil; 3) refletir possibilidades do ser humano habitar o mundo a partir dessa experiência. Mas como per-segui-los?

Retomo a trajetória. Ingressei na pós-graduação procurando investigar o cuidado demandado pelo CRUSP. Escolhi fazer parte do LEFE (Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia), caracterizado, dentre outras coisas, por oferecer estágios curriculares em instituição e trabalhar na perspectiva da fenomenologia existencial. Desse modo, foi possível abrir um novo projeto de prática psicológica em instituições com campo de estágio na moradia estudantil, cuja proposta inicial realizar uma cartografia clínica no CRUSP.

O marco oficial do início da pesquisa foi a entrada em campo com um grupo de estágio e pesquisa, formado por alunos da graduação e dois alunos da pós: eu, mestrando e uma doutoranda. Estive como supervisor de campo por quase um ano, enquanto minha parceira de laboratório cuidava da supervisão do projeto. Supervisão de campo é aquela que ocorre no próprio campo de estágio, junto aos estagiários nas questões mais emergentes desveladas em campo (AUN, 2005; COSTA, 2014). A supervisão de projeto ocorre em outro momento, com toda a equipe de estágio e supervisores reunidos. É onde discutem-se as narrativas, marcas e pedidos ouvidos em campo a fim de clarear o sentido que surge da prática.

O fio condutor da pesquisa foi fiado pela ação da cartografia clínica, ao longo da qual seguimos nos compreendendo e nessa medida compreendendo o mundo CRUSP. A questão bússola inicialmente colocada pretende desvelar as demandas com as quais me deparei em cada encontro com a moradia estudantil e seus atores. Isso se deu pessoalmente, por meio de supervisões, de “causos” que colegas contam a respeito do conjunto ou até pedidos feitos para cuidado com a situação dos moradores.

Nessa direção, o sentido dessa iniciativa de pesquisa é compreender qual demanda se faz presente quando esses pedidos, recorrentemente direcionados a psicólogos e/ou estudantes da área, acontecem. E do que se tratam? Requisitam que algo seja feito a fim de diminuir ou eliminar os problemas enfrentados pelos moradores do Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo. Nessa direção, a questão norteadora a ser perseguida pode ser apresentada: “De que cuidado demanda o CRUSP?”. Indagando-nos como compreender qual cuidado os habitantes demandam poderia ser uma trilha para a compreensão do sentido do habitar para eles?

De qualquer forma, uma vez em-caminhadas as possibilidades de per-curso para a compreensão da interrogação, faz-se necessário agora poder apresentar a trajetória da investigação. Ou seja, é chegado o momento de mostrar o fenômeno que se desvelou em nossas andanças pela moradia CRUSP e como foram abrindo vestígios de acesso a uma possível interpretação acerca do cuidado demandado para o sentido de habitar.

5. AS ANDANÇAS

5.1 O Começo

Faz-se necessário me deter mais no sentido da questão norteadora e no caminho percorrido para compreendê-la, tendo em vista que no início da pesquisa ainda não havia se revelado “a bússola”. Não que estivesse completamente perdido (e antes estivesse), pois enquanto julguei saber o que estávamos fazendo não consegui ser abertura para os encontros ocorridos. Não estava atento para as impregnações que aconteciam, como propõe Figueiredo (1993) quando coloca em discussão algumas preocupações acerca das atividades profissionais do psicólogo: “(...) o conhecimento tácito do psicólogo é o seu saber de ofício, no qual as teorias estão impregnadas pela experiência pessoal e as estão impregnando numa mescla indissociável” (FIGUEIREDO, 1993, p.91).

O grupo de cartografia formado pela doutoranda, pelos alunos de graduação e por mim, começou no início de 2016, junto com as aulas da graduação. Fiquei responsável pela supervisão de campo deste grupo. O meu trabalho era oferecer um espaço de conversa acerca dos incômodos que surgissem durante a cartografia; estar com os estagiários durante este encontro com os atores em cena e o desencontro com eles próprios.

Durante cada ida à moradia, os estagiários registravam, através de diários de bordo, o que haviam experienciado a partir da cartografia. Diário de bordo é um tipo de registro bastante utilizado no LEFE, penso que a preferência por esse modo de registro acontece por possibilitar aos estagiários narrarem a experiência vivida. Ao menos fora essa visada que embasou a minha preferência pelo registro via diários de bordo dos estagiários: buscar palavras que expressassem as sensações do encontro pelo qual passaram. Tal ação possibilita o aparecer (dar a ver) e a conseqüente reflexão acerca do como cada membro da equipe e a equipe enquanto um grupo se encontrava no momento

da cartografia. Recorrerei a trechos desses diários para discutir e também narrar diversos momentos do meu contato com o CRUSP, assim como o percurso da cartografia clínica. Os diários de bordo dos alunos colaboram para transmitir a atmosfera cruspiana, do encontro entre estagiários e instituição.

As primeiras idas ao CRUSP foram realizadas após conversas acerca do sentido da cartografia. Comumente os estagiários diziam-se aflitos por não conseguirem delinear muito bem o que precisava ser feito na moradia. Saber o que poderia ser feito naquele projeto era exatamente o que eu buscava que este trabalho de pesquisa pudesse responder. Por diversas vezes encontrei-me tentando preparar o grupo para o início da ação cartográfica. Afinal, ainda sem muita clareza do caminho a percorrer, eu estava também tão aflito quanto. Estávamos todos aflitos enquanto um grupo. Estava iniciando a minha vida como psicólogo formado e como pesquisador. A confiança que eu possuía sobre as supervisões dadas eram tão consistentes quanto uma gelatina.

Compreendo este meu modo de escrita como próprio. Percebo que escrevo de acordo com a afetação. Tanto que a escrita, principalmente esta, apresenta-se mesclada de receio e conquista. Receio porque sinto que me exponho ao escrever, uma vez que ao recuperar o sentido das minhas ações fico frente a frente com minhas inquietações mais profundas. É o quanto o meu modo de trabalhar nesta pesquisa está sendo construído a partir desse modo meu de agir. E, nesse jogo de superação, mora a conquista da libertação de apresentar-me do modo como estou sendo: não atravessar a rua por mais uma vez.

No começo era tudo novo, mais para eles que para mim. Eu, como já dito, estava há algum tempo me havendo com a questão da moradia, mais especificamente com o que é para mim essa moradia e o que exatamente eu estava pesquisando acerca dela. Delinear a minha questão bússola foi um trabalho que exigiu bastante esforço. Entendo e trabalho sustentado pela atitude de plantão, como coloca Morato (2017), e de tal maneira não

consigo pensar sem lançar-me ao encontro do outro. É pela afetação e em ação clínica que desvelo não só o que o mundo diz, mas também o que eu procuro pelo que me vem ao encontro.

Não que a demora (ou seria de-mora?) por desvelar a pergunta de pesquisa tenha se prolongado mais do que deveria; não é isso que estou apontando. Aponto que enquanto não me coloquei em andança pela instituição a ser cartografada, junto aos estagiários, não consegui compreender o que estava pesquisando. Foi por ir me aproximando com o modo cotidiano de ser numa rede de conceitos prévios do mundo partilhado no CRUSP que consegui perguntar as coisas que estavam engasgadas em mim. Ou seja, foi ao dar-me conta de como estava no CRUSP como todos os que nele moram ou trabalho que pude re-conhecer minha inquietação: enquanto como todos, eu não era eu, mas qualquer um.

Em síntese, comecei a cartografia assumindo uma posição de supervisão que me foi muito aflitiva. Criei um anteparo e um lugar do qual me ocupei para não me preocupar com a angústia que chegava a mim por não compreender como aquela moradia, que eu idealizei, se revelava enquanto algo também diferente à minha expectativa. Do modo mais cotidiano¹¹ possível, trabalhei na pesquisa do mestrado e caminhei com os afazeres do laboratório. Não perguntava, não sugeria... não chamava a atenção. Estava cumprindo uma tarefa.

No LEFE temos uma prática comum de orientação em grupo, na qual os integrantes do laboratório (alunos de pós-graduação e colaboradores do LEFE) discutem os rumos da pesquisa de cada aluno da pós. Não consigo pensar em nada mais aflitivo que esse momento do laboratório. Por vezes indaguei qual o sentido da angústia que me ocorria durante as orientações. Apenas depois de passado um ano e meio do início da

¹¹ No modo cotidiano, aquele que sou não se mostra diretamente, já que me percebo em meio aos outros. Isso será melhor discutido adiante.

pesquisa é que conectei esses dois fios e percebi que a dificuldade e a angústia estavam relacionadas por não ter ainda compreendido a minha questão de pesquisa.

Fiz duas orientações em grupo. Em ambas não consegui dizer o que precisava, muito menos esclarecer qual o sentido da minha pesquisa. Todos concordavam que o CRUSP necessitava ser cuidado¹², mas ninguém conseguia dizer mais que isso. Dou-me conta, inclusive, deste modo um tanto genérico de dizer “o CRUSP” no qual recaio constantemente. Precisei me atentar também para esse fenômeno CRUSP. Não havia como saber previamente o que é a moradia, ou seja, se fazia parte dela, os prédios, os moradores, os funcionários...

Assim, tateando, caminhamos com o grupo de estágio por um ano. Em 2016, deparamo-nos com uma ocupação da SAS e greve, cujo estopim ocorreu depois de um episódio de violência de dois homens contra uma mulher. Os três eram imigrantes e todos familiares entre si. A mulher foi agredida pelo marido e pelo cunhado. Gritou por socorro e foi atendida. Moradoras do mesmo andar e de outros foram socorrê-la. A polícia e a guarda universitária foram acionadas. A mulher agredida fez boletim de ocorrência na delegacia e ao retornar foi convocada a subir no palanque para dizer sobre a importância de pressionar a SAS para melhores condições de permanência das mulheres do CRUSP.

Após essa ocorrência, muitas mulheres moradoras, com quem conversamos na cartografia, disseram sobre a dificuldade diária de ser mulher no conjunto residencial:

Daí ela entrou de fato no rumo do que acontecia no CRUSP e que foi um dos motivos da invasão à SAS, isto é, a insegurança das mulheres que habitam o conjunto residencial. D. falou sobre “os machos agressores” (sic) que “obrigam” as garotas a andarem em grupos para se proteger e que estava na porta para espantar os machos que apareciam ali para ficar olhando e “objetificando as minas” (sic). Ela nos disse que colocaram um pano nos vidros da porta porque os caras ficavam nas janelas do prédio em frente olhando elas dançarem. Além disso, precisavam de “alguém de briga” (sic) para ficar na porta e fazer a segurança. Falou também sobre o medo de voltar à noite da aula e

¹² Seria o CRUSP ou seriam seus moradores que necessitavam cuidados? A questão não estava clara...

encontrar agressores, por isso as minas não podem ir à cozinha para fazer algo para comer caso cheguem tarde. (ANTONIO, DIÁRIO DE BORDO ¹³ em 09/04/2016).

D, moradora do CRUSP com a qual Antonio conversou e explicitou no trecho de diário de bordo acima, conta também sobre a violência que mencionei no parágrafo anterior, a qual uniu pessoas para agir em prol de exigir da SAS um posicionamento sobre a vulnerabilidade das mulheres moradoras do conjunto residencial. Afinal, a insegurança de ser mulher e habitar o CRUSP é frequentemente referida em narrativa das alunas-moradoras.

Num primeiro momento, percebi-me feliz pela moça agredida ter feito o boletim de ocorrência e, além disso, ter ido a público falar para a comunidade USP sobre o ocorrido. Mas, em seguida, comecei a perceber que o que eu sentia não era felicidade, mas euforia. Sentia meu sangue fervendo e meu coração disparando. Fiquei em silêncio enquanto os estagiários acabavam de contar o ocorrido.

A atmosfera da sala foi mudando e a nossa percepção sobre o ocorrido também foi. Por um momento ficamos em silêncio na sala e eu, tomado por aquela angústia, explicito o que estava sentindo e pensando. Começamos a pensar sobre o que nós gostaríamos de fazer caso algum caso de violência nos ocorresse. Foi quando percebemos que em nenhum momento foi perguntado para a vítima da agressão como ela gostaria de encaminhar o ocorrido. Começamos a considerar que, talvez, o palanque pudesse ter sido por ela experienciado como uma segunda agressão. Demo-nos conta que não sabíamos nem havíamos nos aproximado para compreender como ela estava. Talvez, em meio a toda confusão, ela ficara desabrigada e sem lugar. Ficara esquecida. Nós não havíamos cuidado de quem poderia necessitar, como moradora do CRUSP que era.

¹³ Os nomes dos estagiários que aparecem nos diários de bordo são fictícios.

5.2 A Repetição... ou Mais do Mesmo

No decorrer dos encontros, principalmente nos ocorridos com os alunos-moradores, alguns temas repetidamente surgiam quando a pergunta acerca da experiência de ser morador era feita. Os temas mais recorrentes eram sobre a sensação de isolamento, sensação de não pertencimento, problemas práticos da habitação, dificuldade de relacionamento com os colegas de apartamento e questões mais específicas das mães, das mulheres e dos funcionários. Todas essas “re-clamações” apareceram associadas à má administração da SAS e da AmorCRUSP (Associação de Moradores do CRUSP), órgãos que possuem a função de trabalhar em prol do melhor funcionamento da moradia. Roberto, em seu diário de bordo, é marcado por essa questão e registra:

Um tipo de cartaz específico me chamou a atenção. Vi algumas vezes uma referência ao órgão de permanência por meio de um trocadilho: “AsSASsina”. Não sei bem quem os escreveram ou se foi algo, um pensamento comum entre os que ali protestavam, mas as coisas não parecem muito saudáveis quando um órgão com o qual se estabelece relações de dependência socioeconômica é posto num lugar que sugere tamanha violência. (ROBERTO, DIÁRIO DE BORDO. Em 06/04/2016).

O discurso que deflagra os problemas da SAS e da AmorCRUSP e que vem impregnado por um tom de reclamação foi exaustivamente ouvido pelo grupo de cartografia. Independente do assunto tratado, havia sempre uma generalização do discurso e palavras de ordem, “imperativos” como denominou uma das estagiárias em seu diário de bordo:

Circulando mais um pouco, fica a imagem do CRUSP como um lugar de resistência. **Ocupar** é mais do que um **imperativo** para os moradores de lá. Marcas nas paredes em diversos lugares trazem a questão do CRUSP não ser um presente, e sim uma **conquista**. Outro cartaz reivindicava mudanças no diálogo com a SAS no que se tratava das questões de violência à mulher. Emerge essa questão de uma espécie de **guerra entre moradores e a ‘Instituição’** que parece inviabilizar qualquer diálogo, e ainda criar alguns bodes expiatórios para toda essa questão, como os funcionários da SAS. (CARLA. DIÁRIO DE BORDO. Em 04/04/2016 – grifos do autor)

A marca registrada tanto por Carla quanto por Roberto diz da atmosfera existente na moradia estudantil da USP no momento da ocupação. Uma atmosfera de guerra, na qual as marcas na parede provocam, em quem as lê, o recordar da história do CRUSP: guerra entre morador e instituição, assemelhada a uma guerra entre governo e governados. Faz-se necessário um adendo: apesar da cobrança por mais diálogo da parte institucional, a estratégia tomada, de ocupação do espaço administrativo da SAS, parecia inviabilizar qualquer diálogo, algo retroalimentado por ambas as partes, por ambos os polos. O filósofo Duarte (2008), refletindo acerca do poder disciplinar e do biopoder de Foucault colabora com a reflexão dessa questão de governos e governados, apontando que “[...] um direito da soberania e uma mecânica da disciplina: é entre esses dois limites, creio eu, que se pratica o exercício do poder, sem, entretanto, que esses dois limites coincidam entre si”. (Foucault, 1976. Apud Duarte, 2008, p. 4).¹⁴

A reitoria também se pronunciou sobre o acontecimento da agressão à aluna e consequente ocupação da SAS, denominada pela reitoria como invasão, através de email enviado aos docentes, alunos e servidores técnicos e administrativos da USP:

Prezados docentes, alunos e servidores técnicos e administrativos,
Na semana passada, foi relatada à Universidade e à Polícia a ocorrência de agressão a uma aluna, no Conjunto Residencial da Universidade (CRUSP). Segundo as informações divulgadas, os possíveis autores da agressão são alunos de Pós-Graduação que residem no CRUSP. Após a ocorrência, um grupo de pessoas, grande parte delas com os rostos cobertos, invadiu a sede da Superintendência de Assistência Social (SAS), reivindicando a expulsão imediata dos alegados agressores. A Reitoria repudia enfaticamente a grave agressão e esclarece que está tomando todas as providências cabíveis no âmbito administrativo. Foi instaurada sindicância para apurar os fatos e a Comissão de Direitos Humanos da Universidade e o SOS Mulher da SAS estão acompanhando o caso.
Deve-se ressaltar, contudo, que nosso sistema jurídico não permite a aplicação de penalidades drásticas, como o desligamento de alunos, de forma sumária, como vem sendo pleiteado pelos invasores da sede da SAS. O direito ao contraditório e à ampla defesa, inclusive no âmbito da Administração Pública, é uma conquista democrática de nossa sociedade, que não pode ser desprezada, nem mesmo diante da

¹⁴ Foucault, M. *Em defesa da sociedade*. São Paulo, Martins Fontes, 2000

ocorrência de fatos graves como os aqui relatados. Dessa forma, caso, após o devido processo legal, sejam confirmados os fatos e a sua autoria, as punições cabíveis serão aplicadas pela Universidade.

Outrossim, a Universidade repele as medidas agressivas e desproporcionais dos invasores da sede da SAS, que exigem a tomada de uma medida - a expulsão sumária - vedada pelo ordenamento jurídico e, por isso, não reconhece a invasão como legítima manifestação político-estudantil.

Por fim, deve ser destacado que a invasão da SAS afeta o regular funcionamento de tal Órgão, prejudicando o atendimento da comunidade universitária, como, por exemplo, o funcionamento dos restaurantes. A persistência dessa ocupação desnecessária trará, dessa forma, inevitáveis prejuízos aos serviços de apoio à permanência e formação estudantil. (EMAIL ENVIADO PELO GABINETE DO REITOR DA USP, 11/04/2016)

A repetição acontecia não apenas no discurso dos moradores, mas nos ciclos de greves e ocupações, no ciclo de reivindicações e agora também nas ausências de intervenções de todos do grupo de cartografia do CRUSP. Calamo-nos frente às obviedades, frente ao receio de questionar o sentido do que era dito. Não percebíamos qual a demanda trazida junto às queixas. Ausentávamo-nos da possibilidade de encontrar o outro, de ser abertura. Se o psicólogo se faz de fato como “profissional do encontro”, como propõe Figueiredo (1993, p. 93), estávamos longe disso. Estava difícil ser abertura disponível.

Durante as supervisões era incômodo o papel de apontar recorrentemente o modo como os estagiários encontravam-se ao circular pelo CRUSP. Eu também estava com receio de questionar o sentido do sofrimento, principalmente aos que elegiam a SAS enquanto culpada. A ausência da pergunta pelo sentido do que ouvíamos ficava nítida durante os relatos dos encontros.

A partir da minha trava e do meu receio de falar, comecei a dar-me conta do quanto eu, nesse momento, estava com o que poderia chamar das minhas paranoias ativadas. Era como se tudo estivesse relacionado comigo. Encontrava-me com medo de ser tomado enquanto um homem tentando dizer sobre o sofrimento das mulheres e mais, um homem que não mora no CRUSP apontando e perguntando disso ou daquilo sobre a moradia

estudantil. Estava com receio de ser tomado e estar ocupando de fato o lugar do opressor, do “colonizador”¹⁵, daquele que sabe mais sobre a vida do outro do que ele próprio.

Além disso, havia um enorme receio de, ao questionar os moradores do CRUSP acerca do sentido da ocupação e das lutas políticas, ser compreendido enquanto alguém que já de início é um inimigo político. A histórica luta entre governo e governados na moradia parecia não permitir, dificultando a possibilidade de diálogo com o diferente. Nós, em geral com uma visão mais próxima dessa dos moradores, ao encarar uma conversa buscando o sentido da ocupação, tão naturalizada em nosso cotidiano da USP, não questionávamos o já dado.

Todas as supervisões começaram a tematizar a ação cartográfica clínica, colocando em questão, assim como Morato (2017, p.26), o sentido de procurar pela demanda do outro ao falar. As supervisões começaram a ficar vazias... com faltas, muitas faltas. Faltavam os alunos e os supervisores. A ausência tomava um lugar concreto, tomava o grupo. Atingimos um ponto de paralisia. Ninguém avançava o sinal; não se fazia permitido perguntar.

A dificuldade para prosseguir com o projeto foi sentida por todos. Os que ainda continuavam interessados deram seu jeito para seguir trabalhando. No geral, os alunos que estavam no projeto desde o início continuaram e tematizaram a angústia que nos paralisava. Concluímos que a cartografia havia terminado. Mas como se termina uma cartografia? Na verdade, o que estávamos percebendo é que outro modo de ação, diferente do posto até o momento, era necessário. Nós mesmos não estávamos mais conseguindo seguir, (des)encontrando-nos do mesmo modo. Pedíamos por outros modos de des-encontros possíveis.

¹⁵ Chamo de colonizador a figura desse homem que chega em terras distantes e diferentes da sua supondo como atrasada essa cultura com a qual se depara, tentando salvá-los da ignorância sobre as coisas.

Deparar-me com a repetição dos assuntos e com o engessamento das intervenções mostrou ser de fundamental importância para o prosseguimento da cartografia. Compreendia que a repetição e a sensação de querer fazer parte (já saber) do CRUSP apontava para duas situações instauradas. A sensação era de que estávamos imersos numa calma, mas na verdade deparávamo-nos com a paralisia vivenciada e narrada por diversos atores da instituição. Era turbulência disfarçada de calma...

A crença de que já sabíamos daquele lugar dava a ver como que uma abertura indisponível. Além disso, parecia estabelecer ao projeto finalmente um lugar definido e a ilusão de que sabíamos para onde nos dirigíamos. Essa situação já se estendia por sete meses, e eu pensava: “Imagina morar e viver isso por cinco anos ou mais!”.

A circulação no CRUSP havia se tornado rotina vazia, estava cristalizada e havia perdido seu caráter mais importante: atitude de plantão. Parecia que replicávamos uma técnica. Os alunos pareciam “cartografar” para cumprir tarefa, porque era a proposta do projeto. A abertura e a curiosidade estavam mortas. “AsSASinadas”? Seria responsabilidade da SAS? Já não saberia dizer... Preocupados em achar o culpado por nossa angústia, não alcançávamos o sentido dela.

Uma das estagiárias, Aurora, coloca em palavras a sensação na qual o grupo todo se encontra:

[...] mas uma dúvida que antes já me inquietava, hoje se amplia na forma de frustração e cansaço. Será ingenuidade minha? Estarei eu iludida de que faço parte já, um pouco, deste lugar? Afinal, é tudo efêmero, tudo passagem... Posso estar tão desapercibida do que me rodeia?

Penso que não. Penso que devo sentir o que sinto, ir por onde me comove, por onde me toca. Quero fazer isso. Quero me encantar com meu trabalho. Quero ver sentido. Mas isso é o que penso e racionalizo. O meu sentir, hoje, diz que talvez seja preciso desistir. Fazer só o convencional. Mas a serviço de quem? Quem ganha com isso? Que fim, por fim, há nesse dar-se um fim? Acho que fiquei assim meio perdida com tudo, mudou o tom das coisas.

Mas hoje, dois dias depois do parágrafo anterior, já acho diferente. Quero tocar essa música que eu ouvi. Sem que, antes, eu me integre dela, claro, porque da dúvida não dá pra se livrar assim tão facilmente

(e nem se deve livrar de todo). Mas dá pra se apropriar dos sentimentos e tomar partido. E se mostrar, sim. Por que tenho esse receio de me mostrar? (AURORA. DIÁRIO DE BORDO. Em 30/09/2016)

Mergulhar e deixar-se misturar a partir dos encontros numa instituição com características de provocar a sensação de passagem, isolamento e engessamento, promoveu no grupo a dúvida, mais uma vez, acerca do sentido da cartografia clínica. Não era incomum que as queixas dos estagiários carregassem a sensação de impotência e de algo que se assemelhava à ação de chafurdar. Apontavam o incômodo de “apenas ouvir” aos moradores e nada mais. Para os estagiários, não estávamos cuidando do CRUSP.

Tal discurso e compreensão de trabalho se aproximavam bastante das queixas verbalizadas pelas assistentes sociais e pelos moradores do conjunto, requisitando de mim algo que não sabiam nem expressar do que se tratava. Algo que nem mesmo eu compreendia o que poderia ser. Não era possível desvelar a demanda de tais pedidos.

Retorno à questão de pesquisa perseguida pela presente caminhada: “De qual cuidado demanda o CRUSP?” Em outras palavras, a que se referem quando solicitam ser preciso propiciar algo ao CRUSP? Seria essa mesmo a questão, já que novamente é o CRUSP o sujeito de cuidado e não os moradores?

A dúvida também me marcava. Era difícil suportar o lugar de não compreender os pedidos feitos por tantos. Começava a ponderar, assim como Aurora em seu diário de bordo, por e para onde estávamos caminhando. Acrescentava-se, ainda, a necessidade concreta, de dar prosseguimento à pesquisa e perseguir minhas inquietações.

Percebo um ciclo dentro do qual estivemos enredados. Um ciclo que dizia do enredo cruspiano: essa dinâmica de luta e de não poder dizer ou perguntar coisas. Essas impossibilidades nossas que, sendo e tendo sido alunos USP também nos era custoso questionar. Perguntar o sentido de ocupar e dessa luta política para aqueles que atendíamos, era o mesmo que nos perguntarmos, e dentro da nossa rede de preconceitos

e significados essas perguntas geralmente são feitas por pessoas que não concordam com a concepção de que a universidade está sendo sucateada. Não concordam em atribuir o sentido da pouca verba direcionada ao CRUSP ser em função do governo não estar interessado nesses alunos. Poderiam dizer de compreensões direcionadas a uma política social e econômica semelhante a quem se denomina de “direita”.

5.3.1 - Outros Modos de Encontros

Contudo, pela não des-istência, algo outro se manifestou. Na metade de 2016, pensamos na possibilidade de iniciar dois projetos: um com o objetivo de criar uma rede de cuidado e atenção psicológica direcionada aos cruspianos, vinculado à bolsa para projetos de extensão; outro com o objetivo de compreender a experiência de ser morador no CRUSP, caracterizado pelo vínculo de iniciação científica. Tais projetos dirigiam-se à cartografia da instituição, pensando que o desvelar das demandas poderiam caminhar lado a lado com o direcionamento ao cuidado, seja este psicológico ou não, bem como colaborar com a discussão da experiência de ser morador do conjunto.

Visando este horizonte, o grupo continuou realizando a cartografia e no meio do semestre iniciou a realização de entrevistas reflexivas. Tal ideia surgiu paralelamente ao episódio do *craft*, a ser descrito mais adiante, enredado pela atmosfera de paralisia. Fazia-se necessária uma mudança no modo de entrar em contato com os cruspianos, como possibilidade de um retorno ao estranhamento, ou seja, como possibilidade de retomarmos nossos des-encontros.

A cartografia clínica continuou sendo o fio condutor da presente pesquisa, bem como das pesquisas que dela derivaram. Apresentava-se por uma disponibilidade semelhante ao estar em plantão, ou seja, como ação clínica. Diria que dispor-se em

cartografia é o próprio acontecer da ação clínica. Ainda que haja momentos onde nenhuma conversa aconteça, a disponibilidade, fazendo-se presente, propicia a continuidade da cartografia, como aponta Morato (2017, p. 25) acerca da atitude cartográfica clínica,

Diz de um modo de se dispor indicando humor ou ação, disposição para agir em direção a pessoas, grupos, situações, inclinando-se para aprender e compreender; diz de uma atenção cuidadosa. Assim, refere-se mais propriamente ao modo como os plantonistas trazem o Plantão junto a si de maneira radical, na medida em que sustentam a tensão entre fala/escuta tensional entre ele e o outro, como atitude ao *modo clínico de ser junto a*.

Nessa medida, tomando ação cartográfica enquanto atenção cuidadosa e levando o Plantão junto a si de maneira radical, o grupo passou a transitar de diferentes maneiras, buscando outras compreensões e aprendizados acerca do CRUSP. Atentava-se à convocação de transitar pelos pedidos cruspianos de outra maneira que não mais caminhar pelos corredores da moradia.

5.3.2 - Intervenção com *Craft*

Certos que algo se interpunha na forma de comunicação como possibilidade de uma das demandas daquele lugar, passamos, enquanto grupo, a buscar outras formas de contato com a população cruspiana. Sem dúvida havia “algo” ou “ruído” entre o que se falava e o que se ouvia entre todos naquele espaço. Tal queixa vinha tanto dos moradores, quanto se apresentava a nós, pois nos eximíamos de falar sobre o que era preciso. “Falhávamos” de certo modo ao nos comunicar. Não quebrávamos o acordo tácito que parecia existir: um acordo de não questionar os discursos que pareciam impregnados de juízos prévios naquela instituição. Estávamos começando a compreender como era estar/morar no CRUSP?

Ideias para outras ações interventivas surgiram a partir da sensação de impotência. Uma das estagiárias, cuja pesquisa de Iniciação Científica perseguia a temática de morar no CRUSP, propôs a colagem de papéis *craft* nas paredes dos blocos. Colocamos tal proposta em prática/ação. Os *crafts* continham uma caneta com a intenção de deixá-los mais convidativos ao uso. Nos cartazes deixamos uma questão: “Como é morar aqui?”. Nas palavras de Caparroz (2017), aluna que propôs a intervenção:

Junto às entrevistas, surgiu em mim a ideia de uma forma de intervenção que não fosse diretamente intermediada por nós da Psicologia, na expectativa de que isso trouxesse uma abrangência maior de participantes (devido ao anonimato) e suscitasse reflexões que não estivessem imediatamente influenciadas pela figura do psicólogo. Além disso, uma forma de intervenção que estivesse conectada com o que andávamos observando sobre a ocupação das paredes dos corredores com objetos e imagens pessoais dos moradores. Pensei na fixação de *crafts* nas paredes dos blocos de apartamentos com apenas uma frase que norteasse os rabiscos espontâneos que aparecessem ali (...). Fixamos os primeiros *crafts* com a frase “Como é ser morador do CRUSP?”, com canetas hidrocor penduradas para facilitar a espontaneidade das intervenções. Após uma semana, apenas o cartaz do bloco da pós-graduação ainda se encontrava fixado. (RELATÓRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, p. 10)

A partir desse *craft* recuperado, pudemos observar o diálogo que havia acontecido entre os moradores. As anotações continham críticas estruturais acerca da internet e denúncias dos maus cuidados de moradores com o bloco. Além disso, as anotações conversavam entre si e os moradores discordavam e/ou concordavam com o que havia sido escrito por outros. Formaram-se correntes de conversas. Correntes que se assemelhavam, devo dizer, bastante às que ocorrem nas portas e paredes de banheiros públicos, mais comumente de escolas públicas ou de bares baratos¹⁶.

¹⁶ Na cidade de São Paulo é bastante comum encontrar nas paredes e portas das cabines individuais dos banheiros de bares não requintados, ao qual denominamos botecos, “pichações” iniciais seguidas de comentários posteriores, como se cada um que frequentasse o banheiro adicionasse um comentário para denegrir o comentador anterior, ou simplesmente opinar sobre o comentário. Dessa forma formam-se correntes cronológicas de comentários, como acontece num debate de ideias, só que “pichado” nas paredes.

Observando o que havia acontecido a partir dos *crafts*, percebi mais uma vez como tudo o que era dito deixava-me confuso. O CRUSP aparecera para mim, nesse momento, como um multiverso: cada bloco sendo um universo, cada andar também como um; cada apartamento outro e, para finalizar, cada quarto como mais um universo. Os multiversos do CRUSP pediam por cuidado. Mas como cuidar de coisas que pareciam ser tão diferentes e requisitar/demandar diversas ações. O que eu estava compreendendo como cuidado?

5.3.3 - Demanda das Mães ao Serviço de Atendimento Domiciliar

Ao longo do primeiro semestre de 2017, entramos em contato com diversas questões relacionadas a ser moradora do CRUSP. Durante a ocupação da SAS, em sua maioria realizada por mulheres, o grupo de cartografia, ao apresentar a questão investigada, foi bombardeado por queixas e pedidos. Mais uma vez nos deparávamos com a informação que muito havia a se fazer na moradia e mais uma vez não conseguíamos atender esses pedidos, como registrou Bruna em seu diário de bordo sobre um destes dias:

Disse que estávamos com um projeto de atendimento ao CRUSP e que aproveitamos o ocorrido para ouvir a necessidade (demanda) das alunas que estavam se manifestando. “A.” ficou animada com o projeto e logo chamou algumas meninas para nos ajudar. De um minuto a outro tínhamos várias manifestantes a nossa volta:
- “Atendimento para as MULHERES? Nossa que legal! Quero falar sim!” (BRUNA. DIÁRIO DE BORDO. Em 06/04/2017)

Acredito que o mais interessante neste diálogo seja justamente que, em nenhum momento, a estagiária disse que o serviço era um atendimento para as mulheres. Entretanto, as manifestantes compreenderam que “ouvir a necessidade das alunas que estavam se manifestando” era o equivalente a passarem por atendimento psicológico. O que é dito em ato, ao menos parece passível de ser compreendido assim: estaria dizendo

de pedido para serem atendidas. De qualquer modo, a ação das manifestantes rodearem a estagiária indicava que seria necessário fazer algo.

O campo dos pedidos das mulheres do CRUSP era vasto. Diversas questões acerca da opressão de gênero também foram exaustivamente ouvidas. A uma delas foi dada maior atenção: as alunas-moradoras-mães. O primeiro contato que tivemos com as mulheres da moradia foi com essas mães. Outro universo, mais um dentro do multiverso, é aberto.

As mães narram durante os encontros dificuldades desde com a SAS até com moradores. A sensação de que não eram bem-vindas no CRUSP ficava evidente e era muito óbvia para elas. Justificavam tal “ódio” dos demais moradores, como denominaram algumas vezes em seus discursos, com o pretexto de que ocupavam mais vagas ao ficarem com um apartamento inteiro só para sua família. Apartamentos esses que, como dito, possuem de três a quatro quartos podendo ter até quatro estudantes, mas que são ocupados por apenas uma estudante e toda sua família.

Entrevistas começam a ser marcadas com essas mães que, sempre se queixando de estarem atarefadas e sem tempo, diziam da importância que seria para elas serem atendidas. Muitas diziam da vontade de ir ao plantão psicológico do Instituto de Psicologia, mas que, por trabalharem, estudarem e terem que cuidar dos filhos, elas não conseguiriam tempo para ir aos plantões. A maior parte das mães pedia por atendimento para elas próprias, de tal forma que não viam sentido em levar as crianças junto.

O horário, a dificuldade de ter com quem deixar o filho e a necessidade de um espaço SEU, que não necessariamente cuidasse da criança, mas que proporcionasse esse movimento de olhar para si e cuidar de si, me pareceu muito interessante no sentido de resgate da experiência e cuidado. Nesse contexto, ouvindo mais mulheres, refletindo na ação clínica e no que produzia em campo, o serviço fora se construindo: as entrevistas cada vez mais pareciam atendimentos (plantões) e pude notar o potencial terapêutico que aquele espaço poderia proporcioná-las. Pensou-se na possibilidade de adentrar os apartamentos e oferecer espaço e tempo de acolhimento e reflexão, uma espécie de plantão

itinerante, de acordo com a necessidade de cada mãe, algo que fora sentido e acordado em cada encontro. (BRUNA. DIÁRIO DE BORDO. Em junho de 2017)

Dessa forma, as idas e os pedidos para que Bruna fosse aos apartamentos das mães conversar/entrevistar/oferecer um espaço de plantão aumentou de uma hora para outra. A procura foi tamanha que justificou a criação e divulgação de um email somente para marcar esses momentos direcionados às mães. Além disso, decidimos que outros estagiários também participariam nesses atendimentos.

Compreendendo a cartografia clínica como uma constante análise e atenção para com o que nos deparamos, para com os acidentes e a vegetação que se mostra conforme caminhamos pelo terreno desconhecido, encontramos-nos com as mães-alunas-moradoras. Divulgamos o email para que as mães que tivessem alguma dificuldade com horário ou locomoção pudessem requisitar atendimento na própria moradia. Desse modo, seguimos acompanhando a música que vinha ao nosso encontro, conforme nos direcionávamos ao encontro do som emanado dessa música. Seguimos pelos vestígios, investigando a experiência de ser morador do CRUSP, contextualizando cada novo universo que se apresentava disponível a ser conhecido.

Recorrentemente, não nos foi possível escapar da ideia de encontrar a “falha” na moradia e promover algum cuidado que fosse em direção a algo estrutural e resolvesse as queixas dos moradores. Algo que pudéssemos realizar e deixar enquanto legado estrutural para aquele lugar. Por vezes, vivia uma tensão entre a certeza de que ao propor algo concreto para a moradia eu estaria colonizando e/ou pacificando o “morro” da USP, atendendo a uma beneficiar uma casa que nem minha é. Ficava entre essa tensão e a possibilidade de estar negligenciando o que eu estava vendo, mas não conseguindo agir. Percebia-me compartilhando uma dúvida e divisão que permanecia no grupo de cartografia: até onde as perguntas que fazíamos eram invasivas? E a minha versão dessa

dúvida era: até onde nossas intervenções não são invasivas? É possível realizar alguma intervenção que não seja invasiva? Pressupor que será invasivo anula o outro enquanto existência potente para decidir o que fará com o apontamento?

Percebi-me compreendendo o CRUSP como um local repleto de vulnerabilidades: financeiras, estrutural, relações e segurança. Corredores vazios nos quais eu tinha acesso ao apartamento dos moradores sem precisar conversar com os controles de acesso, que às vezes barravam os alunos, mas outras não. Essa mesma sensação de que aquele lugar não me pertencia e eu não pertencia aquele lugar, mas poderia e tinha acesso total e irrestrito aos andares dos blocos, acontecia frente aos atendimentos ocorridos em cartografia clínica, intervenções ocorridas no viver cotidiano dos homens, daqueles homens que moravam no CRUSP. Os corredores que davam acesso aos apartamentos deles também pareciam desprotegidos. Aquele lugar parecia um lugar desprotegido, desamparado, assim como um lugar com pessoas desprotegidas, desamparadas, sozinhas.

A narrativa destes três anos de cartografia passa e se mantém primordialmente na tensão de me manter aberto para o encontro ou o já saber. Nas supervisões do serviço de extensão oferecido ao CRUSP isso ficava evidente. Por várias vezes eu quis e acreditei que não havia nada possível a ser feito para melhorar a moradia, ou melhor, o que havia para ser feito era oferecer psicoterapia para todos.

Cheguei a pensar que a questão era que a população que selecionada para as vagas na moradia, era uma população que carregava vulnerabilidades que foram acumuladas por anos e anos e que não saberiam lidar de outro modo com as relações cruspianas, já que de início, e na maioria das vezes, olhavam o mundo através de uma lente específica, marcada por vulnerabilidade e descuidado.

Afeta-me algo que parece ligar os multiversos com os quais me deparei no CRUSP. Algo que aponta para as marcas de anos vivendo às margens. Margem não

somente pensada pelo social. É óbvio que o financeiro traz marcas para o humano uma vez que diminui o leque de possibilidades do existir, bem como no campo dos direitos de cada um. Aquele que nasce pobre de dinheiro e de cultura tem menos voz. Seria isso apenas?

As identificações com o tema de pesquisa e com a população pesquisada nesses três anos não se deu apenas comigo, mas percebo que aconteceu nos seis grupos de estagiários montados em suas diversas versões. Todos os grupos de cartografia e atendimento ao CRUSP tiveram, em sua maioria, estagiárias mulheres que deram voz ao sofrimento das moradoras do CRUSP. Além disso, percebo que as versões dos grupos formados sempre contavam com pessoas que se encontravam de algum modo à margem dentro da Universidade de São Paulo. Alguns moradores do CRUSP, também alunos de Psicologia bolsistas PAPFE, participaram e participam do projeto.

Nas supervisões, recorrentemente se davam a ver travas dos estagiários com relação a escolher não dizer, não apontar. Recorrentemente trabalhamos a ideia de que o não apontar não estava relacionado à possibilidade de o outro não suportar algo a ser dito, porém questiono em que medida não dizia respeito a nós mesmos não podermos dar conta com o que poderia surgir após alguma intervenção. Trabalhamos o quanto o abster-se de dizer poderia relacionar-se a um não poder dizer, um não lugar para poder dizer. Por vezes, reconheci-me nesse receio de apontar, de dizer algo a alguém tão vulnerável. Era como estar diante de uma situação entre matar ou morrer, por ocupar um não lugar próprio: não ser nem daqui nem de lá... de não ser?

Recordações da minha infância retornaram ao longo desses três anos de pesquisa. Consegui dar sentido e palavra para sensações que antes não se encontravam com seu destino. Sem dúvida, supervisionar outros incluídos-excluídos, bem como atendimentos que tematizavam essa inclusão-exclusão possibilitaram o meu retorno a mim mesmo.

Possibilitaram dar atenção ao como eu me encontro e como os estagiários se encontravam.

A bem dizer, este trabalho de cartografia parece ter sido um extenso trabalho de questionamento acerca de como os moradores do CRUSP se encontram. Ou seria, arrisco dizer, como o homem habita?

6. HISTÓRIA, REFLEXÕES E INTERPRETAÇÕES

A infraestrutura do CRUSP foi citada como precária diversas vezes pelos moradores com os quais nos deparamos nos atendimentos realizados. O grupo de cartografia, assim como eu, também considerávamos algumas coisas (para o nosso padrão de vida) como malconservadas e mesmo mal construídas. Questionamentos acerca do sentido do projeto arquitetônico começaram a surgir e busquei caminhar para me encontrar com o horizonte histórico no qual o CRUSP havia sido construído. Tal pesquisa incluía também a curiosidade de investigação sobre a história contada pelo lado da instituição.

O discurso comum aos moradores que vai de encontro com o discurso do movimento estudantil com o qual me deparei sem nunca ter questionado até então, é sobre o quanto a moradia é desde sua criação um símbolo de luta e resistência estudantil. O projeto do CRUSP foi elaborado em 1961¹⁷ pelos arquitetos Eduardo Kneese, Joel Ramalho Júnior e Sidney de Oliveira, com a proposta de doze blocos, cada um com seis andares e cada andar com dez alojamentos¹⁸. Cada alojamento teria cerca de quarenta metros quadrados divididos entre uma sala de estudos, sanitário e um único quarto amplo onde dormiriam três estudantes.

Cada pavimento contaria com uma enfermaria, uma rouparia e uma copa, destinada a refeições leves, uma vez que o restaurante comum a todo conjunto, hoje denominado de restaurante central e conhecido como “bandejão central” seria capaz de

¹⁷Segundo o documento da Coordenadoria do Espaço Físico, hoje denominada Superintendência do Espaço Físico. Acesso em 09/02/2019. http://www.sef.usp.br/wp-content/uploads/sites/52/2015/05/SP-PD-CRUSP_-2009.pdf

¹⁸ No documento da Coordenadoria do Espaço Físico, cada apartamento é chamado de alojamento.

ofertar as refeições menos leves. Ao todo o conjunto seria capaz de abrigar dois mil cento e sessenta alunos distribuídos em setecentos e vinte alojamentos.

Em 1962 é dado início à construção de seis blocos (A, B, C, D, E e F) com verba liberada pelo governo do estado como parte dos preparativos para os jogos Pan-americanos que ocorreram no ano de 1963. Os blocos foram inaugurados em março do ano seguinte ao início de sua construção e serviram para alojar os atletas dos jogos antes de serem disponibilizados aos alunos. O documento registra que de agosto de 1963 até dezembro de 1968 o CRUSP serviu como moradia estudantil conforme inicialmente projetado.

Segundo a Coordenadoria do Espaço Físico (COSEF) “a construção dos demais blocos ficou paralisada devido à recessão econômica de 1962 a 1967 e às profundas mudanças políticas no Brasil a partir de 1964”. Em 1968 os estudantes são expulsos da moradia pelo exército brasileiro e as estruturas inacabadas são demolidas. O documento institucional não discute sobre os possíveis motivos da expulsão dos alunos. Entretanto, a história comumente narrada pelos estudantes, moradores e ex-moradores do CRUSP é que a moradia era um lugar tido como resistência durante o período da ditadura militar, sugerindo que a expulsão desses alunos tenha relação com a repressão ideológica da época.

A partir da década de 70 algumas mudanças significativas são impostas a infraestrutura do CRUSP. Com o “milagre” econômico as construções foram retomadas, mas já fica evidente que não havia a pretensão de que todos os blocos do CRUSP voltassem a ser moradia. No projeto inicial, por exemplo, os arquitetos haviam projetados espaços jardins de aproximadamente oitenta metros quadrados entre cada bloco do conjunto, que juntamente com a proposta de térreo em pilotis¹⁹ tinham o intento de criar

¹⁹ Termo para estruturas arquitetônicas modernas semelhantes à palafita no Brasil. O termo é francês e usado para diferenciar das palafitas de madeira. Colunas de concreto que sustentam uma estrutura.

extensas áreas de convivência entre os moradores dali. Nos anos 70 entretanto, foram tomadas por construções conhecidas como colmeias, onde eram ministradas aulas, e outras estruturas administrativas da universidade de São Paulo.

A retomada do funcionamento do CRUSP como moradia estudantil ocorreu entre novembro 1979 e abril de 1980 após a “invasão e ocupação”²⁰ de vários andares dos blocos A e F. Durante os anos seguintes, os estudantes retomaram mais alguns pavimentos e em 83 o COSEF anuncia que os blocos B e C voltariam a ser moradia estudantil, bem como assume a gestão do conjunto, que na época possuía 750 moradores. Desde então, com sucessivas ocupações e pressões os pavimentos e blocos do CRUSP foram retornando a proposta inicial de moradia estudantil. Hoje, apenas dois blocos (K e L) continuam sem nunca terem sido moradia, bem como territorialmente continuam separados²¹ dos demais blocos abrigando a Reitoria e os demais órgãos centrais da universidade. Já os blocos H e I, foram desmontados em 1983.

A partir de 1995 três blocos do CRUSP (D, B e A) passam por uma reforma total, onde foram aproveitadas somente as estruturas de cada bloco. Algumas mudanças relacionadas aos alojamentos também ocorreram comparando com o primeiro projeto dos arquitetos. Agora, os seis pavimentos contariam com uma lavanderia coletiva, bem como uma copa/cozinha, com o andar térreo ocupado e três quartos por alojamento. Os blocos F e G passam a ser destinados à pós-graduação e as enfermarias deixam de existir com a criação do Hospital Universitário.

Segundo o documento do COSEF, as mudanças foram realizadas para atender o perfil do aluno USP que mudou desde a década de 60. Há uma proposta para que o

²⁰Invasão e ocupação são os termos utilizados no documento do COSEF para contar da ação dos estudantes na retomada da moradia. Resolvi manter para reproduzir a conotação dada no documento. Hoje existe uma discussão acirrada entre estudante e a Reitoria da USP sobre os nomes dados a esta ação.

²¹ Todos os blocos do CRUSP -A, B, C, D, E, F e G- são ligados por um corredor com uma marquise que abriga do sol e da chuva. No projeto original dos arquitetos, esse caminho seguia até os prédios mais afastados do bloco A, tendo sido destruído quando o exército expulsou os alunos da moradia.

CRUSP seja recuperado e atualizado segundo as necessidades atuais, como mais moradias, mais acessibilidade para os deficientes físicos, melhorias na infraestrutura visando maior convívio social entre os moradores (demolição das áreas construídas entre os blocos e revitalização dos oitenta metros quadrados de jardim), mais apartamentos para famílias dos moradores. Enfim, algo que indica a preocupação deste órgão com a reaproximação da moradia com a necessidade dos estudantes.

Nessa direção, acredito que seja possível pensar também que a convocação para tensionar a estrutura da moradia estudantil no sentido de um reencontro com o projeto inicial sinaliza que algo não vai bem no CRUSP. Sinaliza a existência de questões que talvez possam ser melhoradas uma vez que algumas estruturas sejam modificadas. Algumas das preocupações interpretadas por mim através desse documento denominado como “Recuperação do CRUSP” vão em direção a algumas das queixas com as quais nos deparamos ao longo da cartografia clínica e do atendimento em domicílio que realizamos durante esses três anos. Vão de encontro inclusive com as queixas que eu escutava com relação a impressão que a equipe da SAS tinha do CRUSP quando fui estagiário de psicologia pela Divisão de Promoção Social da Superintendência de Assistência Social.

O perfil do estudante da USP mudou, as políticas afirmativas vêm crescendo ao longo dos últimos anos. Desde o INCLUSP (Programa de Inclusão Social da USP) e PASUSP (Programa de Avaliação Seriada da USP)²², o estudante pertencente à famílias mais pobres passou a ter maior possibilidades de ingressar na universidade pública. Com isso, houve também um aumento óbvio na procura pelas vagas disponibilizadas no PAPFE. Nessa direção criar novas vagas é essencial para que esses alunos não só ingressem na universidade, mas consigam permanecer nela.

²² Programa de incentivo para os alunos que cursaram o ensino médio em escolas públicas ingressarem na USP.

6.1 - Contradições, Dificuldades e Buracos... A Moradia Enquanto Direito Humano

Os moradores na ocupação da SAS e nas cartografias clínicas apareceram, comumente, reclamando do CRUSP: pedindo mais verba para a SAS e esperando do “governo” do CRUSP algum retorno. Falas sobre o sucateamento (intencional deste governo) da moradia por conta da falta de verba e de perceberem que a universidade não os apoia quanto dizem que esta deveria, traz certa contradição.

Por vezes, ao caminhar pelo CRUSP, os estagiários deparam-se com as cozinhas comunitária sujas e com faxineiras da moradia dizendo que não havia completado sequer um dia desde a última limpeza, e o espaço já estava novamente sujo. Somavam a essas falas, apontamentos acerca de alunos-moradores atrelados à característica de “sem educação”. Duas ações opostas dos moradores do CRUSP chegam a mim:

- 1) Comumente em assembleias os moradores reivindicam por maiores cuidados com a moradia, sendo resistência à um direcionamento político do governo do Estado. Sentem que este Governo (que escolhe o reitor da universidade e que por sua vez escolhe o superintendente da SAS) não é favorável à existência do CRUSP e de seus moradores.
- 2) Quando os moradores descuidam do espaço parecem também caminhar para a não existência do CRUSP, bem como de seus moradores. Ao menos, vale um questionamento acerca do sentido do não preservar o espaço. O que não preservamos quando não preservamos o espaço que moramos? O que possivelmente nos impele a preservar algo?

É importante frisar, para evitar interpretações adiantadas e possíveis confusões, que parece se desvelar uma contradição acerca disto, ao mesmo tempo que os moradores pedem por maiores cuidados, eles próprios talvez não consigam cuidar de si. Instaura-se

uma certa atmosfera de espera. A espera de alguém fazer por e para eles. Poderia, talvez, pensar em algo que aponta para certa “terceirização” da responsabilidade pelo cuidado concreto do espaço? O soberano aparenta estar ocupando um certo lugar de uma entidade que sempre falha no e com o cuidado. Eu começo a questionar se em algum momento eles terão “isso” que sentem que falta para eles. O que poderia ser “isso”?

Não estou dizendo que o pedido por melhorias não possa e não deva ser feito²³, mas ao atentar-me ao modo como as discussões e pedidos são recorrentemente percebidos por mim, parece apontar para uma briga com a “direita” que há em cada um dos moradores. Concordo que a cada vez que o soberano²⁴ escolhe alocar sua verba em algo que não promova a permanência estudantil, é em si um ato que vai contra a existência deste fomento e, conseqüentemente contra o processo de formação de jovens de baixa nível socioeconômico. Duarte (2008) citando Agamben discute a ideia de que o “soberano” se encontra dentro e fora do ordenamento legal: institui e simultaneamente se exime deste: “o soberano é o ponto de indiferença entre violência e direito, o umbral em que a violência se torna direito e o direito se torna violência”(Agamben, 1998. p. 47. Apud Duarte, 2008, p. 11)

Ainda sobre a relação soberano e moradores, Gonçalves (2007, p. 188) em seu extenso trabalho sobre humilhação social, recupera o sentido da palavra “humilhação” apontando para seu uso romano, “*Humiliatio*”, que divide-se entre o sentido brando de abaixar ou trazer para perto da terra (*humus*) e outro de abater ou rebaixar, fazer cair por terra, pôr abaixo. Fica nítido que este segundo sentido foi o que predominou. Seu uso está atrelado a ofensa desferida de alguém para alguém. Recupero e caminho brevemente pelo sentido de humilhação, por ser afetado assim quando ouço os pedidos das lutas travadas

²³ Ou, talvez, este seja o meu receio em ser interpretado enquanto alguém politicamente de “direita”?

pelos alunos-moradores. A cada vez que o Estado não se preocupa com a moradia e com os direitos daqueles sob o guarda-chuva do PAPFE é possível de sentir a existência em xeque.

Seguindo a reflexão sobre humilhação e a ação de humilhar que ocorre entre agressor e agredido, sempre em relação, sempre no encontro seja físico ou não, seja intencional ou não, esta só pode se dar no social.

Humilhação social é sofrimento longamente aturado e ruminado. É sofrimento ancestral e repetido. Um sofrimento que, no caso brasileiro e várias gerações atrás, começou por golpes de espoliação e servidão que caíram pesados sobre nativos e africanos, depois sobre imigrantes baixo assalariados. Alcançou roceiros, mineiros ou operários, também uma multidão de pequenos servidores, subempregados e desempregados. (GONÇALVES, 2007, p. 190)

O autor carrega com suas palavras a sensação da humilhação enquanto algo que perdura ao longo do tempo. Possibilita a interpretação de um ocorrido que não se dá pontualmente, mas sim algo “longamente aturado e ruminado”. Ao mesmo tempo, localiza em algumas categorias sociais a possibilidade de ser acometidas por esse fenômeno. Há uma relação ainda acerca de humilhação e herança (família e ancestralidade),

A violência que machuca o humilhado nunca é meramente a dor de um indivíduo, porque a dor é nele a dor velha, já dividida entre ele e seus irmãos de destino. Os ataques quanto mais nos chegam de fora e de muito antes, tanto mais nos vão paradoxalmente atacar por dentro e agora. Distantes e antigos, ficaram mais ou menos sem sentido, embora imbuídos de uma energia difícil de conter: machucam muito, corrosivamente²⁵. Acertam antes mesmo que se pudesse atinar com o seu sentido, antes que se pudesse julgar o motivo do golpe e o seu ponto de partida. [...] O humilhado não sabe bem por que chora e nunca chora apenas por si próprio, chora a dor enigmática e chora a dor somada. (GONÇALVES, 2007, p. 190)

A cada vez que o Estado, governo paulista, SAS, colega ou qualquer um coloca em xeque e aproxima os moradores da finitude da existência que é sempre e a cada vez deles e que

²⁵ A citação e o trabalho do autor carregam notas psicanalíticas. A distinção “dentro” e “fora” não existe para a fenomenologia existencial. Não há separação entre sujeito e objeto e também não há a distinção entre mundo interno e mundo externo. Mundo é trama de significados no qual e pelo qual ocorre a lida dos homens com as coisas. Diria, então, que os ataques quanto mais chegam a mim e mais antigos se mostram, tanto mais corrosivos parecem.

existe dentro de possibilidades finitas e mais restritas que outras existências, toda essa dor ancestral parece ser convocada. Morar no conjunto residencial, estar abrigado entre paredes e um teto, não resguarda ou sequer é pressuposto de tranquilidade para seus moradores. Moradores que carregam consigo biografias de resistências e humilhações, biografias marginais e transgressoras de um social que já guarda um lugar no mundo para eles. Todo o multiverso cruspiano parece agora convergir para algo em comum do habitar a moradia: a população que hoje reside o CRUSP foi selecionada por um questionário socioeconômico. A população que reside no conjunto, se comparado com os demais universitários é a população mais pobre da categoria. Na cidade, essa é a população que mora nas periferias, nas margens, nas ocupações/invasões e que por alguma transgressão adentrou (ou foi incluído) à USP. Assim, seria possível dizer que o CRUSP é como se fosse o morro da USP?²⁶

6.2 - Para Além dos Anos de Graduação

Ao longo da cartografia assim como durante a época em que fui estagiário na SAS, ouvi dos moradores, dos estagiários, das assistentes sociais, da equipe do Acolhe-USP²⁷ e conheci pessoas que estendiam o tempo de estada na moradia estudantil. Quer dizer, moradores que haviam sido pleiteados com uma vaga no conjunto, mas que, por algum motivo estavam numa situação irregular. Esses motivos aconteciam geralmente por estes alunos terem esgotado o tempo possível para cursar a graduação, ou por terem se graduado, mas por algum motivo ainda não terem saído da moradia.

²⁶ Ideia que surge a partir do fortuito encontro com a apresentação de Suely Emília de Barro Santos, acerca da sua pesquisa no Morro Bom Jesus na cidade de Caruaru. Apresentação ocorrida no III Congresso Luso-Brasileiro de Práticas Clínicas Fenomenológico-Existenciais & IX Congresso Latino Americano de Psicoterapia Existencial de Fenomenologia.

²⁷ Serviço da Superintendência de Assistência Social para atendimento de funcionários, alunos e docentes que tenham um uso problemático com drogas.

Nos primeiros contatos com essas histórias eu ficava impregnado pelo sentimento de como essas pessoas não pensavam nos outros. Ficava indignado por justamente elas, que conseguiram a vaga e sabem da importância disso, deveriam prezar por aquilo e garantir que este direito se perpetue. Ou seja, como acontece esse habitar que aparece para mim com o que talvez eu possa chamar de uma espécie de ausência de zelo pelo direito a vaga na moradia?

Por outro lado, refletindo novamente e questionando essas pessoas, começo a perceber que os ambientes onde residiram antes do CRUSP era, como recorrentemente descreveram “tóxico” e infringia dor a eles. Comumente nos angustiávamos durante as supervisões nas quais discutíamos sobre essas situações. A relação de necessidade da moradia aparece novamente aqui. Será que esses moradores tinham algum lugar? O que esses moradores pedem quando dirigem cobranças por melhorias ao governo do CRUSP?

Percebo que o meu incômodo acerca da não saída dos irregulares do CRUSP se relaciona com o desejo que outros tenham a chance de se graduar. Entretanto, seria possível andar à esmo? Sem norte? Me questiono sobre isto, uma vez que conhecendo a história de alguns deles me preocupa pensar em muitos cruspianos retornando para suas casas, suas famílias e para muitas relações “tóxicas”. Haveriam eles habitado em?

Ao mesmo tempo não estou certo de que esses moradores encontraram um lar no CRUSP... talvez essa seja a minha angústia: esses cruspianos parecem não habitar, nem o CRUSP, nem suas casas. Mas, quando habitamos, habitamos um lugar necessariamente? É necessário ter uma casa para o habitar acontecer?

6.3 - Sobre Angústia do Cuidar

As supervisões, as cartografias, os atendimentos, o assunto, tudo sobre o CRUSP nos angustiou e nos angustia desde o início do nosso projeto de atenção à moradia. A

sensação de insuficiência sugou e continua sugando a energia dos que fazem parte do projeto. Sinto que me apressam e sinto que me apresso para cuidar (curar/tratar) do CRUSP. Sem nem conseguir definir o que seria esse cuidar tão amplo que eu suponho ser óbvio... que todos os que se aproximam desta instituição supõem ser óbvio. Bem como as falas de que é necessário cuidar de tanta coisa que é impossível. Recorrentemente fomos tomados pela sensação de que nos faltavam recursos; que nos faltavam pessoas que somassem conosco. Mas hoje me parece mais um posicionamento confortável, por tirar o psicólogo do lugar de tensão, me tirar da angústia daquilo que não sei ou daquilo que não posso ter êxito dentro de um tratamento, como é interpretado o termo “cuidar” via senso comum.

Além de não fazer esses apontamentos, pensei que certos assuntos que ao meu ver podem ser difíceis de encarar para qualquer pessoa, como por exemplo uma ambivalência em relação à maternidade (algo que eu percebia nela), talvez também não coubessem ser abordados ali. No momento do atendimento, e mesmo na supervisão, vinha à minha cabeça principalmente a questão do tempo cronológico, como se não houvesse tempo suficiente para dar conta de tudo que pudesse ser “colocado na mesa” por mim na mesa ali naquele atendimento. (Diário de bordo, Artur, 15/09/2017)

Em diversos diários de bordo e supervisões nos reconhecemos enquanto paralisados com o receio de apontar isso ou aquilo para quem atendemos durante a semana. No diário de bordo, Pedro aponta o receio de não ter tempo para dar conta de tudo que pudesse ser colocado na mesa. Estaria Pedro reconhecendo algo dolorido demais para apontar? Uma vez que não é possível quantificar o tempo que precisamos para cuidar de algo na dimensão da existência, o que estaria o deixando inseguro com os apontamentos?

No entanto, após conversar sobre essas questões na supervisão tive outra visão sobre isso. Penso que, de certa maneira, a dificuldade da moça de entrar em contato com certas coisas acabou sendo percebida na minha própria dificuldade de colocar certas coisas para ela no atendimento. Assim, talvez o “x da questão” não fosse o tempo em si,

mas sim essa relutância de abordar certos assuntos, e o tempo tenha entrado como algo que me impedia de fazer os apontamentos que estavam na minha cabeça. (Diário de bordo, Artur, 15/09/2017)

A relutância de abordar certos assuntos mais uma vez nos chega. Por mais uma vez nos foi difícil estar “junto a” e questionar como as experiências dos cruspianos aparecem para eles. Fica marcada a repetição do dar-se conta tardiamente disso que parecia não poder ser perguntado, nem ouvido. Instiga-me que recorrentemente em supervisão, quando não era mais possível perguntar para o cliente, os questionamentos e apontamentos possíveis sobre o sentido daquela experiência aparecia como possível. Retomo o meu receio de falar e intervir em supervisão, bem como o meu receio de ser tomado enquanto alguém contrário a alguns ideais tidos como certos dentro daquela comunidade.

Há de se fazer uma consideração importante, que por vezes também foi tema de discussão em supervisão: o modo de encontrar-se com o outro em cartografia clínica. Compreendo que perguntar sobre o sentido das coisas/dos acontecimentos é uma das coisas que fazemos nos atendimentos: relativizamos a verdade posta como exatidão e também questionamos o “já dado” de cada um. Tal ato de intervenção me parece tanto mais fácil de fazer quanto mais o ambiente parecer seguro para o psicólogo, para aquele que pergunta. A característica da cartografia acontecer fora da “casa” do psicólogo parece diminuir a sensação de segurança e com isso diminui a possibilidade de se perder junto aos clientes. A possibilidade de questionar as certezas trazidas apresenta-se para aqueles que cartografam enquanto restritas.

6.4 - O Tropeçar para uma... Conclusão?

*Toda casa é uma árvore,
que no chão se enraíza:
em sua copa habitamos
antigas sombras e fadigas*

*Em sua seiva de cimento,
a memória se entrelaça:
floresce dentro da alma
a arquitetura da casa.*

*Eis seus frutos habitados
no corpo, que é semente:
dentro da árvore brotamos
a vida com suas vertentes.*

*Toda casa é uma árvore,
que no corpo se enraíza:
o universo tem começo
no chão em que se habita.*

Adriano Espínola

Tropeço em direção ao fim da narrativa do caminho construído e vejo neste tropeço a oportunidade de refletir acerca de algumas questões que me inquietaram ao longo do percurso de pensar como acontece o habitar no CRUSP. Me esforçarei nesta seção para fiar com pensadores, algum tecido que consiga materializar a pesquisa que fiz dando a ver as minhas possibilidades e impossibilidades.

Vejo um percurso feito que partiu de uma expectativa de moradia e de relações com a moradia estudantil que logo nos primeiros contatos mais atentos já foram quebradas e, se por um lado fiquei angustiado por iniciar a minha pesquisa descobrindo em mim o engano de uma certeza não questionada, por outro apreendi o que pode ser “experiência” com Gadamer,

De fato, e como já vimos, a experiência é em primeiro lugar sempre experiência de negatividade: não é como havíamos suposto. Face à experiência que se faz em outro objeto, se alteram as duas coisas, nosso saber e seu objeto. Agora sabemos outra coisa e sabemos melhor, e isto quer dizer que o próprio objeto "não se sustenta". (GADAMER, 1999, p. 523-524)

Uma vez dado início ao desvelamentos dos conceitos prévios que possuía sobre a moradia estudantil e dentro de um limite meu, segui tropeçando e interessado em não mais tentar fazer algo para melhorar a moradia, mas sim cada vez mais em direção a pesquisar o que acontecia em cada encontro que eu tinha com o CRUSP, sempre a partir da minha experiência de habitar. Um chão batido, mas que considero de extrema importância para seguir curioso e podendo me espantar com o que vejo. Retomo a dificuldade de sustentar o lugar de não saber.

Aliás, por vezes não sustentei o “por vir” inesperado da existência. Deparei-me (de-parei-me) com a angústia de pesquisar uma moradia estudantil cheia de paradoxos e questões, bem como com a angústia de me perceber exposto a esses paradoxos com os quais, por vezes me identifiquei.

O discurso e o empenho do movimento estudantil, das greves e das ocupações que a mim costumavam aparecer enquanto certezas, também foram arrancadas nesse processo de experiência com o CRUSP. Hoje retomando os acontecidos, localizo o início desse dar-me conta com a ocupação da SAS e o modo como encontrei-me no que Heidegger

chama de cotidianidade, e de o estar no mundo através de uma maneira de ser predominante (Heidegger, 1981).

Estive junto a esta pesquisa de mestrado, por vezes, através de uma maneira de ser predominante e segui, na medida do possível, com o incômodo e a intenção de “[...]tornar fenomenologicamente visíveis os modos de ser-aí-com que pertencem ao ser-aí encerrado em sua cotidianidade, explicitando-os de uma maneira ontologicamente apropriada.” (HEIDEGGER, 1981, p. 31)

Narrei as minhas quebras de expectativas e a apresentação a partir de outros pontos de vista com os moradores do CRUSP. Os paradoxos acerca dos cuidados com a moradia e com os pedidos de cuidados a Reitoria, a qual eu chamarei de soberano. Assim a chamo afim de deter-me mais nessa relação na qual o *homo sacer* encontra-se. Talvez faça sentido iniciar uma discussão acerca do modo como os moradores do CRUSP dizem precisar de mais cuidado e como esse pedir pode ser interpretado. Qual o impacto de um cuidado ôntico, ou seja, um aumento na verba do CRUSP, melhoria na equipe que controla acesso, esses cuidados materiais, no cuidado ontológico?

Tal questão se desvela à mim, pois justamente no momento mais difícil dessa pesquisa, num dia que eu não tinha almoçado, apesar da hora avançada, eu recebo uma mensagem da minha mãe dizendo que ela estava passando em minha casa para deixar comida para mim e assim, eu não precisar me preocupar com isso. Nessa situação, cuidado ôntico e ontológico se misturam e questiono se é possível compreender como que um movimento em direção ao outro será interpretado. Ou seja, se é possível dizer que isso garante aquilo e aquilo garante isso.

Toda a sensação narrada sobre as repetições e o que denominei como “mais do mesmo” apontando o lugar de espera e resistência na qual os moradores se inseriram recorrentemente ao longo das cartografias e das greves me deixou em dúvida sobre qual

era a demanda que esses pedidos desvelavam. Articulo esse fato com a fala das faxineiras dos blocos do CRUSP e das cozinhas comunitárias que recorrentemente encontravam-se sujas e me vejo um modo de habitar se desvelando a partir de pessoas que pedem por melhorias do espaço onde vivem, mas que não mantem o espaço em que vivem.

A discussão entre políticas de direita e de esquerda parecem não sustentar esse fenômeno. Penso, então, que talvez a relação estabelecida entre alguém que tem poder e alguém que nada pode possa ser discutida pelo conceito de *homo sacer*, caracterizado pela oposição da figura soberana, ultra exposta à violência,

[...]chega à caracterização da figura simetricamente inversa à do soberano, a figura do *homo sacer*, o protótipo da vida nua, supérflua, desprotegida e exposta à morte violenta. O *homo sacer* definia no antigo direito romano o homem que era incluído na legislação na exata medida em que se encontrava totalmente desprotegido por ela: tratava-se daquele indivíduo que, por ser tipificado como homem sagrado, poderia ser morto por qualquer um sem que tal morte constituísse um delito. (DUARTE, 2008, p. 11-12)

Pensar no morador do CRUSP enquanto um *homo sacer* apresenta-se em consonância com o que Gonçalves aponta acerca da humilhação social. Talvez analisar uma situação específica sobre o modo de cuidar que se deu a ver pelos moradores possibilite discutir ocupação e preocupação,

Heidegger distingue dois modos básicos do “cuidado” (*Sorge*): por “ocupação” (*Besorgen*), nomeia ele o “cuidado” para com os entes intramundanos cujo modo de ser, revela-se a partir da utilidade utensiliar [...] já por “preocupação” (*Fürsorge*) designa ele o “cuidado” para com os entes que tem seu modo de ser, os existentes. A preocupação funda-se na constituição essencial do ser-aí enquanto ser-com-o-outro (NOVAES, 2017, p. 58)

Nessa direção, penso em dois tipos de cuidado: aquele que se dirige ao lugar concreto, como a limpeza da moradia (ocupação) e aquele que se relaciona com os humanos e se

direciona aos humanos (preocupação), o qual parece ir na direção do como um humano se encontra.

Trago um trecho de um diário de bordo meu, acerca de uma cartografia clínica na qual decidi lançar-me e sentir com meu corpo os encontros com os moradores do conjunto residencial. Naquele dia caminhei pelo CRUSP e avistei um homem sentado no lugar onde o *wifi* da moradia tem um sinal melhor de internet, ao iniciar uma conversa, Ademir se apresenta e diz querer conversar, mas só depois de uma hora, pois precisava finalizar umas pesquisas.

Avistei um homem sentado na “crackonet”²⁸, sempre ficam pessoas ali e eu não sei se é só por conta da internet... às vezes parece que não. Início uma conversa com ele e, apesar de seu interesse visível o vejo um tanto aflito por conta da minha aproximação. Ele diz querer conversar, mas só depois de uma hora, pois precisava finalizar umas pesquisas. Marcamos de nos encontrarmos na cozinha dentro de uma hora, claro! Eu estava empolgado com aquela conversa por vir, e havíamos cogitado gravar e fazer como se fosse uma entrevista... Eu chego à cozinha e Ademir já estava lá me aguardando, apesar de eu chegar com alguns minutos de antecedência. Um arroz está no fogo e Ademir, distraído com seu celular não parece se importar para este que, pelo cheiro e pelo barulho, estava prestes a queimar. Pergunto se ele estava cozinhando e para a minha surpresa aquele arroz que parecia estar descuidado, sem supervisão, realmente encontrava-se esquecido por alguém. Converso com o morador e coloco uma questão a esse respeito, pedindo uma opinião acerca do que faríamos com aquele arroz que já sem água começaria a queimar. *Se você quiser fazer uma boa ação, desliga aí, cara.* Desliguei, eu não aguentaria ver um arroz (jantar?) queimando. Senti que eu, por estar na cozinha, por ver que o arroz estava pronto, acabara de tornar-me corresponsável por este. Aparentemente não era essa a experiência de Ademir, o qual não se move para cuidar daquela comida que não era dele. Cuidar do arroz do outro, era sinônimo de uma boa ação. Para mim, era sinônimo de uma ação necessária de convívio. (CESAR. Diário de Bordo em 16.05.2017)

²⁸ Nome que faz referência a “cracolândia” por estar quase sempre lotadas de pessoas amontoadas querendo usar a internet. O sinal de internet é fraquíssimo ou nem chega funcionar em alguns apartamentos, exceção para o bloco A-1 que é o mais novo.

O modo como Ademir lida com o arroz que não é dele me causa surpresa. Surpresa de não se importar, de categorizar a ocupação com o arroz como uma boa ação e de sequer preocupar-se com o outro, aquele que é dono do arroz. Talvez o paradoxo acerca do cuidado que tanto me marcou ao longo da narrativa apareça claramente no caso do arroz. Esse modo de pedir por mais cuidados e ao mesmo tempo ser raro encontrar pessoas que cuidam de si e se preocupam com a moradia. Deparamo-nos nas cartografias recorrentemente com os vulneráveis moradores do CRUSP. Vulneráveis por estarem sozinhos, num lugar onde poucos se ocupam (*besorgen*) com as coisas bem como onde poucos se preocupam (*fürsorge*) com as pessoas.

Em a “Ética da Precariedade”, encontramos considerações sobre o próprio e o impróprio que, retomando a questão de pesquisa sobre como acontece o habitar no CRUSP propicia reflexões acerca do “como”,

Só o ente capaz de escutar o clamor do amigo que traz junto a si, um amigo cuja voz não provém de nenhum lugar do mundo mas apenas dele e por sobre ele mesmo, pode se abrir propriamente para o chamado dos outros, ouvindo-os em sua alteridade. (DUARTE, 2000)

Os moradores do CRUSP, com os quais deparei-me ao longo desta pesquisa, parecem não trazer junto a si a capacidade de escutar o clamor do amigo. O indicativo de que essa capacidade é o poder se abrir para o chamado do outro parece não ocorrer com os moradores e entre os moradores com os quais conversamos ao longo do projeto. Nessa direção, talvez os moradores estejam em sua maioria vivendo na impropriedade. Como habitar sem, ao que parece, ser capaz de escutar “o clamor do amigo”?

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para além do CRUSP, ao narrar esta pesquisa com meus receios e anseios passei a refletir também sobre outros “morros”. Conflitos entre soberanos e *homo sacer* que ocorrem todos os dias nas periferias e também com os socialmente humilhados. Das moradias populares às ocupações tomadas como ilegais pelo Governo. Preocupações que aparecem para mim após narrar toda angústia que me vem com pedidos por verba que demandam cuidar do cuidar de ser.

Vejo bastante potência na atuação do psicólogo na temática sobre o habitar, bem como nas temáticas de humilhação social. Uma vez que a moradia (teto e paredes) não garante o habitar, abre-se a possibilidade do profissional de psicologia compreender as possibilidades e impossibilidades parece poder se dar em qualquer ação clínica, que não apenas em moradias, basta que este profissional seja capaz de escutar o “clamor do amigo”.

Ao mesmo tempo, retomando a minha história, des-fecho essa pesquisa diferente do modo como a comecei: sigo angustiado, mas não mais pela CRUSP não dar certo e sim por me considerar capaz de escutar o clamor do amigo, por talvez eu me habitar. Talvez...

Por fim, a recorrente hesitação em realizar apontamentos ao decorrer dos atendimentos ocorridos ao longo da cartografia, pode apontar, para um movimento dos estagiários ao se de-pararem com demandas convocam tanto aquele que não diz dela quanto aquele não a escuta, ou que ao escutá-la escolher não agir. Seria isso um reconhecimento de feridas de um *homo sacer*?

Referências Bibliográficas

Arendt, H. **Entre o passado e o futuro**. 7.ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

AUN, H. A. **Uma crônica inviável como o trágico avesso do mundo dos homens: narrativas de uma prática psicológica numa instituição para adolescentes infratores**. 2005. 143 f. Dissertação de Mestrado – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

AUN, H. A.; MORATO, H. T. P. Atenção Psicológica em Instituição: Plantão Psicológico como Cartografia Clínica. In: MORATO, H. T. P. (Cord.) **Fundamentos de Psicologia: aconselhamento psicológico numa perspectiva fenomenológica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p.121-138, 2009.

BENJAMIN, W. (1985) O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov, In: _____ **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, Obras Escolhidas v.1.

CAPARROZ, J. Experiência de ser morador no CRUSP: uma compreensão possível para esse habitar. Iniciação Científica. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científica e Tecnológico, 2017.

CABRAL, B. E. B.; MORATO, H. T. P. A Questão de Pesquisa Como Bússola: Notas Sobre o Processo de Produção de Conhecimento em uma Perspectiva Fenomenológica Existencial. In: BARRETO, C. CALDAS, M. MORATO, H. **Prática Psicológica na Perspectiva Fenomenológica**. Curitiba: Juruá, 2013.

CRITELLI, D. M. **A Analítica do Sentido: uma aproximação e interpretação do real**

de orientação fenomenológica. São Paulo: EDUC/Brasiliense. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2012.

CORREA, L. Visita Domiciliar: a dimensão psicológica do espaço habitado. In: ANCONA-LOPEZ, S. (Org.) **Psicodiagnóstico Interventivo: Evolução de uma prática**. São Paulo: Cortez Editora, 2013.

COSTA, A. C. H. **Entre aprender e ensinar, supervisão de campo**: possibilidade de palavras para ser, pertencer e multiplicar na atenção psicológica. Dissertação de Mestrado – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo 2014.

FIGUEIREDO, L. C. M. Sob o signo da multiplicidade. In: **Cadernos de Subjetividade**, V. 1 mar./ago., 1993.

GADAMER, H. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 10.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

GONÇALVES FILHO, J. M. Humilhação Política: humilhação social. In: **Orientação à Queixa Escolar**. Ed. Casa do Psicólogo, 2007.

GORENSTEIN, M. G. **João e o Vício**: por entre cuidar de ser. 2013 116f. Dissertação de Mestrado – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013

HEIDEGGER, M. **Ensaio e Conferências**. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. **Ser e tempo**. Tradução de Fausto Castillo. Petrópolis: Vozes, 2012

_____. **Todos nós... ninguém:** um enfoque fenomenológico do social. Editora Moraes. Petrópolis: Vozes, 2012

MILANESI, P. V. B. **Caminhos e Possibilidade de Ação do Psicólogo Junto aos Agentes Comunitários de Saúde:** uma compreensão fenomenológica. 2017. 304f. Tese de Doutorado– Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

MORATO, H. T. P. Pedido, queixa e demanda no Plantão Psicológico: querer poder ou precisar? In: VI Simpósio de Práticas Psicológicas em Instituição – Psicologia e Políticas Públicas. Vitória: UFES, 2006a.

_____ Pesquisa interventiva e cartografia na prática psicológica em instituições. In: **Anais do VII Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituições.** São Paulo: PUC, 2007.

_____ Por entre Plantão Psicológico e Ação Cartográfica Clínica pelos “Caminhos de Floresta”. In: BARRETO, C. L. T. B.; KOVÁCS, M. J.; SCHMIDT, M. L. S.; CABRAL, B. E. B. (Org). **Prática psicológica em instituições:** clínica, saúde e educação. Curitiba: CRV, 2017.

SÁ, R. N. A Noção Heideggeriana de Cuidado (Sorge) e a Clínica Psicoterápica. In: **Para Além da Técnica:** Ensaios Fenomenológicos Sobre Psicoterapia e Cuidado. Rio de Janeiro. Via Verita, 2017.

:

http://www.sef.usp.br/wp-content/uploads/sites/52/2015/05/SP-PD-CRUSP_-2009.pdf. Acesso em 05/01/2019

SAMPAIO, V. F. **Atendimento Fenomenológico Existencial com Casal:** uma possibilidade de ação psicológica autoral. 2018. 173f. Tese de Doutorado – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018

SANTOS, S. E. B. **“Olha!.. Arru(a)ção!?!...” A Ação Clínica no Viver Cotidiano:**

Conversação Com a Fenomenologia Existencial. 2016. 221f. Tese de Doutorado -

Universidade Católica de Pernambuco, 2016.

SZYMANSKI, H.; YUNES, M. A. M. Entrevista reflexiva e *grounded-theory*: estratégias

metodológicas para compreensão da resiliência em famílias. São Paulo: Revista

Interamericana de Psicologia, 2005.